

ISABELLA MARTINS DE PAULA

A FACTICIDADE DE UM CRONISTA DE FAVELA:
UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DE UMA REALIDADE VIOLENTA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do professor Marcos Oreste Colpo.

SÃO PAULO
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família: minha mãe Andréa, minha tia Munirca e meu marido Athos, que contribuíram muito para a minha permanência na universidade me auxiliando psicologicamente com acolhimento e compreensão, e financeiramente quando meu passe livre acabava.

Agradeço à minha segunda família no Instituto Dasein: Beto Machado, André Assis, André Fonck, Robson Modesto e Jordy Tamura, por toda atenção nos momentos de maior tensão em minha vida, pelos ricos debates, pelas cervejas e churrascos e por todo o conhecimento em fenomenologia que adquiri nesses dois anos como colaboradora.

Agradeço à minha irmã de alma Júlia Taniguchi e a minha grande amiga Danielle Marques por todos os incentivos, todas as magias, todas as vibrações positivas, todos os conselhos e broncas durante os últimos anos, que me mantiveram de pé neste percurso acadêmico, e na vida.

Agradeço aos meus amigos que também considero como minha família: minha melhor amiga Bianca Lima e meus melhores amigos André Fonck e Jordy Tamura pela companhia, pelas risadas, pelo acolhimento do choro, pelas cervejas, pelos debates e pelos conselhos. Sem vocês a faculdade não teria feito sentido.

Agradeço ao meu orientador Marcos Colpo e ao meu co-orientador Helio Penteadó por todo o auxílio, correções e contribuições que fizeram possível a construção desta pesquisa.

Agradeço ao coletivo Da Ponte Pra Cá que foi essencial em garantir nossos direitos e nossa permanência na universidade enquanto bolsistas da PUC.

E por último mas não menos importante agradeço aos professores Luís Jardim, Marcelo Sodelli e Nichan Dichtchekian pelas conversas e contribuições acadêmicas que foram muito importantes para a minha formação.

Carandiru, 20 de novembro de 1999.

Apenas mais um entre 365 dias iguais. Provando do veneno e do gosto amargo do sistema. Lágrimas de sangue se misturam na taça do ódio, abandono, sofrimento, lamentos. A fita não foi apaziguada, outra vez as escadas vão ser tingidas de vermelho. Misericórdia é raridade! O amanhã pertence só a Deus. Uma par ferido, vários mortos ficaram pelo caminho, mas nossa vontade de vencer é bem maior. A gente não tá engrupido com a frase: "vai melhorar". 500 anos, não temos motivos nenhum para comemorar.

Nosso governo é tão justo, que construiu mais presídios e menos escolas. Os preto aqui Afro-x e Dexter, e uma par de manos que são considerados um perigo pra sociedade, têm uma missão: contrariar mais uma vez a estatística e a justiça cega, mostrando principalmente a si próprio, que ser humano é capaz de regenerar-se.

(Carta á sociedade - 509-E)

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a realizar uma análise das possibilidades que se apresentaram, ou seja, a facticidade de um ser-aí, para constituir o seu modo de ser, mais especificamente em uma região periférica da cidade de São Paulo. Partindo do método da Fenomenologia-Hermenêutica de Heidegger, busca-se investigar, por meio da entrevista reflexiva, a compreensão desse ser-aí sobre o sentido de suas escolhas de vida e as diferentes significações atribuídas aos acontecimentos que se deram em seu mundo fático, tomando como enfoque as vivências de violência sofridas em toda sua trajetória. A partir disso, busca-se compreender como se dá a abertura de possibilidades dentro da rede de significações pré-determinadas pelo horizonte histórico, recorrentes da abertura epocal em que vivemos, e o porquê do fenômeno da criminalidade ser, de início e na maioria das vezes, uma possibilidade que se dá com maior frequência em regiões periféricas.

Palavras-chave: fenomenologia; social; violência; criminalidade; psicologia;

SUMÁRIO

Introdução	7
Método	10
 PRIMEIRO CAPÍTULO	
Sobre Heidegger	
1.1 - <i>Dasein</i> ou ser-aí	13
1.2 - Ser-no-mundo	14
1.3 - Ser-com-os-outros	15
 SEGUNDO CAPÍTULO	
Sobre Violência	
2.1 - Violência Ontológica	16
2.2 - Violência da Lei	26
 TERCEIRO CAPÍTULO	
Entrevista e Unidades de sentido.....	31
 QUARTO CAPÍTULO	
Agrupamentos das unidades de sentido em constelações	
4.1 - Constelação 1 - Familiaridade com o local de pertencimento e familiares... 63	
4.2 - Constelação 2 - Presença do crime na juventude e suas influências..... 63	
4.3 - Constelação 3 - O crime e a experiência de reclusão..... 65	
4.4 - Constelação 4 - Alternativa à vida no crime: o empreendedorismo..... 70	
4.5 - Constelação 5 - Oportunidade como prática antiviolenata..... 74	
4.6 - Constelação 6 - Sobe sentido de liberdade e culpa: Família..... 76	
 QUINTO CAPÍTULO	
Análise.....	82
 Considerações Finais	89

Referências consultadas.....	91
Anexo.....	93

INTRODUÇÃO

Desde o início de minha graduação, pensar sobre os modos de ser das pessoas que vivem na periferia de uma grande cidade, no caso em São Paulo, e mais ainda sobre o modo como uma pessoa foi sendo constituída e se singularizou nesse contexto adverso, violento, sem grandes oportunidades, sempre me convocou. Porém, me aprofundando mais nos estudos em Heidegger fui percebendo uma ausência de trabalhos acadêmicos e publicações que retratam a especificidade desses contextos sociais. Sendo o ser, de início, sempre aí, ou seja, sempre no mundo e sempre com os outros o social está sempre presente na constituição do *Dasein*. Agarrando-me a esta ideia, passei então a estudar melhor a ontologia fundamental de Heidegger *Ser e Tempo* (1927), para poder abrir novas possibilidades de se pensar a relação ser-no-mundo e ser-com, e poder propiciar uma compreensão de como se deu o horizonte de sentido que constitui a existência de um morador da favela da Vila da Pratas, periferia da Zona Sul de São Paulo.

A partir do método de investigação fenomenológico, apresentado por Heidegger em *Ser e Tempo*, ou melhor, de sua fenomenologia hermenêutica, procurei acessar por meio de uma entrevista-reflexiva individual como se deu os modos de ser que possibilitaram que um determinado ser-aí tecesse sua história, ou seja, como se deu esse horizonte de escolhas/decisões em meio a um mundo violento e desigual, e a partir desses contextos procurei compreender os sentidos dessa violência, e também procurei compreender o porquê dessa criminalidade se dar com maior frequência neste horizonte de mundo historicamente constituído.

Luis¹ é morador da favela da Vila da Pratas, também conhecida como favela do Naide, localizada no bairro Americanópolis na Zona Sul de São Paulo. Hoje, é microempreendedor e possui uma barraca de almoços e lanches que ele mesmo montou juntos de sua esposa na calçada de sua casa. Sua vivência é marcada por muitos episódios de violência, tanto na sua experiência no crime como nos anos que passou pelo sistema carcerário.

No decorrer da análise será articulado à fala do entrevistado às interpretações realizadas acerca do fenômeno da violência. O projeto visa uma

¹ Nome fictício criado para preservar a identidade do entrevistado.

compreensão da vida de Luis a partir da sua abertura de mundo e dos seus modos de se relacionar com si mesmo e com os outros, evidenciando como se deu a escolhas das possibilidades que o constituiu, a partir das vivências de violência que teve. Com esta análise procuro possibilitar condições para uma reflexão de como o fenômeno da criminalidade se articula com os modos de ser do *Dasein* e sobre as implicações dessas condições, mais fortemente presentes nas regiões periféricas das grandes cidades, e até mesmo tentar compreender os horizontes que possibilitam essa criminalidade.

Podemos caracterizar os objetivos dessa pesquisa em dois âmbitos: Compreender como um *Dasein*² na sua singularidade se constituiu, ou seja se projetou em possibilidades de poder-ser nesse contexto de uma vida marcada pela violência, pela criminalidade entre outras adversidades inerentes a vida na periferia, e compreender os possíveis sentidos que possibilitam o fenômeno da criminalidade, fenômeno este intensificado nestas regiões.

No primeiro capítulo nos dedicaremos a explicitar os modos de ser-no-mundo e ser-com de modo sintético para compreender a leitura do entrevistado a partir de pressupostos teóricos presentes na obra de Ser e Tempo.

Para compreender de início como o *Dasein* se constituiu nesse horizonte histórico, é preciso também tematizar o fenômeno da violência, que é fundamental para possibilitar a compreensão da fala do entrevistado. As vivências de violência marcam percursos que desvelam o sentido emblemático da realidade na periferia, sendo primordial na abertura de possibilidades do ser-aí fático. E será a partir do segundo capítulo que analisarei a interpretação ontológica do fenômeno da violência contida no livro "*Ontologia da Violência: o enigma da Crueldade*" (2010). O livro apresenta uma descrição da violência a partir da dimensão existencial, interpretando esta como um modo de ser do *Dasein*. Portanto, por sermos humanos a possibilidade da violência já se encontra intrínseca a nossa possibilidade de ser, e

² Dasein é uma expressão utilizada por Heidegger para se referir ao homem, seu uso realiza uma quebra paradigmática da compreensão objetivada do homem, por exemplo, como animal racional, ou como sujeito para pensá-lo na correspondência ao ser, ou seja, o homem é um aberto ao ser é a ele que o ser se dá (Dasein ou ser-aí). Adotaremos neste trabalho a expressão Dasein, na qual será melhor especificada no primeiro capítulo.

esta violência é uma maneira de lidar com o caráter crítico da nossa própria existência.

MÉTODO

Optei por realizar uma pesquisa qualitativa a partir do método da fenomenologia hermenêutica de Heidegger, constituída por uma entrevista reflexiva. Tal entrevista parte de algumas perguntas disparadoras, sendo que nesse processo, me coube indagar e aprofundar ou mesmo assinalar entendimentos que se mostram significativos ao tema da entrevista. A entrevista visa conhecer aspectos da vida desse *Dasein* a fim de compreender como se deu as escolhas que possibilitaram os seus modos de ser, e como foi sua vivência em uma região periférica atravessada por opressões e violências.

A fenomenologia hermenêutica de Heidegger foi apresentada na sua ontologia fundamental em *Ser e Tempo* e tem como característica fundamental realizar um acesso ao 'sentido do ser', cabe ressaltarmos que sentido é aquilo que possibilita a compreensão de alguma coisa. A palavra em alemão Sinn (sentido) significa rumo, direção do existir, podemos dizer que somos seres de sentido, pois tudo que realizamos, escolhemos e até mesmo nossos sintomas realizam sentidos.

Sentido e significado pertencem ao estudo da linguística, sendo que o significado diz respeito ao aspecto formal das palavras, tal como encontramos nos dicionários, enquanto que o sentido deverá ser desvelado, pois ele depende de quem disse, de como disse, das tonalidades afetivas envolvidas nesse dizer, para que possamos a partir da análise desse contexto extrair o seu sentido. Para se acessar o sentido de algo é preciso um empenho hermenêutico, ou seja, a tarefa de investigar de indagar o que se apresenta para se chegar ao sentido. O caráter compreensivo/interpretativo, portanto o empenho hermenêutico da fenomenologia, não se baseia numa teoria psicológica prévia como acontece com a hermenêutica psicanalítica, a fenomenologia hermenêutica ou hermenêutica da facticidade em Heidegger se volta para a existência, ou seja, para o âmbito da facticidade que concerne à existência e a liberdade de escolhas realizadas pelo *Dasein*.

Em Edmund Husserl fundador da fenomenologia a perspectiva metodológica volta-se para o acesso ao vivido, ou seja, à consciência transcendental, entendida como intencionalidade. Seu empenho através das reduções fenomenológicas e eidética é chegar às essências dos fenômenos, o

invariável, o atemporal dos fenômenos, sendo que entendia-se por fenômeno aquilo que é dado à consciência. Conforme Lyotard (1967):

"Por que fenomenologia? - O termo significa estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que surge à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar esse dado, 'a própria coisa' que se percebe, na qual se pensa, da qual se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre a relação que liga o fenômeno com o ser do qual ele é fenômeno como sobre a relação que liga ao Eu para quem ele é fenômeno. Não é preciso sair de um pedaço de cera (ou um giz) para fazer uma filosofia da substância extensa, nem para fazer uma filosofia do espaço, forma a priori da sensibilidade, é necessário limitar-se ao próprio pedaço de cera, sem pressupostos, descrevê-lo como ele é dado. Assim se esboça o cerne da meditação fenomenológica um momento crítico, um "descrédito da ciência" (Merleau-Ponty) que consiste na recusa de passar a explicação: pois explicar o vermelho desse quebra-luz é precisamente abandoná-lo na medida em que ele é este vermelho exposto no quebra luz, sob cuja órbita eu medito a respeito do vermelho; é colocá-lo como vibração de frequência, de intensidade dadas, é colocar em seu lugar alguma coisa, o objeto para o físico que não é absolutamente a própria coisa para mim." (p. 9).

Para Heidegger o que está em jogo não é a essência e sim o 'sentido do'. O conceito de fenômeno é oposto ao velamento. Segundo Heidegger (2016): "O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados." (p. 75).

Quanto ao procedimento da pesquisa no que se refere a entrevista, foram tomadas medidas de precaução para manter o sigilo da identidade do entrevistado garantido por um termo de consentimento assinado pelos pesquisadores e pelo mesmo. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita, para possibilitar a realização de uma leitura cerrada do entrevistado reduzindo o texto em unidades de sentido (US) para cada pergunta e resposta feita. Posteriormente a este empenho partirei para a análise da entrevista. Para realizar a análise, procurarei constelar, ou seja, agrupar essas unidades de sentido numa compreensão mais situada e ampla do mundo do entrevistado, nesse sentido realizei alguns alinhavos teóricos baseados na contribuições de Martin Heidegger, como a analítica do ser, presente na obra *Ser e Tempo*, além de outras obras complementares como a do livro *A Ontologia da Violência: o enigma da crueldade* escrito por Aguinaldo de Bastos, Alexandre Marques Cabral e Jonas Rezende, e da

obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, para assim colocar o tema da violência em discussão, a fim de buscar uma possível articulação entre a fenomenologia e um contexto social contemporâneo.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Sobre Heidegger

1.1 *Dasein* ou ser-aí

Na análise do ser o *Dasein* é compreendido como a pessoa existindo aí no mundo, ou seja “a essência do ser-aí reside em sua existência.” (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 44). Portanto a compreensão do *Dasein* se dá a partir do entendimento do seu modo de ser aberto para o mundo. A existência se diferencia da mera “presença à vista” ou à mera “ocorrência”. Coisas ou outros seres vivos são “entes presentes à vista” [...], só o homem não é simplesmente, mas tem “de ser”. (idem, p. 44). Sendo sempre aí cada um de nós possuímos uma tarefa fundamental que é conquistar o ser que somos que, sendo, coloca em jogo o seu ser.

“[...] E como ser-aí é sempre a cada vez essencialmente sua possibilidade, esse ente *pode* em seu ser ‘escolher’ a si mesmo, conquistar a si mesmo, ele pode se perder ou nunca e apenas ‘aparentemente’ se conquistar. Ele só pode ter se perdido e ainda não ter se conquistado, na medida em que ele, segundo sua essência, é um possível *próprio*, ou seja, cabe a si. Os dois modos de ser da *impropriedade* e da *propriedade* [...] se fundam no fato de que ser-aí em geral é determinado pelo caráter de ser sempre a cada vez meu. A impropriedade do ser-aí, porém, não significa, por exemplo, um ‘menos’ ser ou um grau ontológico ‘inferior’. A impropriedade pode inversamente determinar o ser-aí segundo a sua mais plena concreção em seus negócios, estímulos, interesses, capacidade de desfrute”. (CASANOVA, 2017, p. 37-38).

Não há diferença entre ser e sendo, somos quem somos, como somos e quando somos. Portanto temos ai de início a responsabilidade de, a cada vez, cuidar do ser que é o nosso dentro das nossas possibilidades de ser. Tais possibilidades são históricas como explica Casanova (2017, p. 39-40):

“À medida que existe, porém, o ser-aí se vê jogado abruptamente em um campo existencial marcado por possibilidades historicamente constituídas.

[...] Essas possibilidades não foram sempre as mesmas, assim como elas certamente não se manterão as mesmas no futuro. [...] Ser para o ser-aí não é nunca experimentar primeiro a si mesmo em sua indeterminação e, em seguida, escolher entre possibilidades específicas, mas, ao contrário, se vê desde o princípio jogado em possibilidades já previamente estabelecidas.”

1.2 - Ser-no-mundo

O mundo em Heidegger é composto pela totalidades de significados que orientam os comportamentos do *Dasein*. Feijoo (2011, p. 37) explica que “o ser-aí precisa de base de sustentação de seu mundo fático sedimentado, para que ele possa receber do mundo as orientações necessárias para realização do seu poder ser”. E é também sendo-no-mundo que o ser-aí é essencialmente constituído pelo ser-com. Segundo Heidegger (2016, p. 172) “o esclarecimento de ser-no-mundo mostrou que, de início, um mero sujeito não “é” e nunca é dado sem mundo. Da mesma maneira, também, de início, não é dado um eu isolado sem os outros.”

O *Dasein* se encontra sempre lançado ao mundo, se projetando em suas possibilidades de ser que, sendo, está sempre colocando em jogo o seu próprio ser (idem, p. 244), assim, o modo próprio ou autêntico de ser, consiste em tornar-se, vir a ser o que se é, em um relação íntima com o ser si-mesmo. Mas o estar lançado desvela-se como um modo fundamental de ser da cotidianidade que é denominado de *decadência*. Na cotidianidade o ser-aí é absolvido pelo mundo no modo de ser impróprio, ou seja, “no modo da imersão na capa de preconceitos sedimentados que constitui a dinâmica inicial do existir.” (CASANOVA, 2017 p. 117).

Decair no mundo das ocupações indica o empenho na convivência, e estar sempre no modo de ser impróprio não significa que o *Dasein* perde todo o seu ser nessa dinâmica, e também não significa não mais ser e estar no mundo, como explica Heidegger (2016):

“Ao contrário, constitui justamente um modo especial de ser-no-mundo em que é totalmente absorvido pelo “mundo” e pela co-presença dos outros no impessoal. Não ser ele mesmo é uma possibilidade *positiva* dos entes que se empenham essencialmente nas ocupações de mundo. Deve-se conceber

esse *não ser* como o modo mais próximo de ser do *Dasein*, o modo em que, na maioria das vezes ele se mantém.” (p. 240-241).

O modo de ser impróprio é o modo mais comum de desdobramento existencial justamente por a existência já ser facilitada, já que suprime a tarefa existencial primária de ter de conquistar a cada vez o seu ser.

1.3 - Ser-com-os-outros

O ser-com é uma característica existencial do ser-aí que se apresenta, em geral, de imediato na cotidianidade, ou seja, é um modo de ser que já é dado junto com o mundo. O *Dasein* se constitui no mundo sempre para com os outros, portanto está sempre no modo ser-com. Este possui como caráter de ser o cuidado, sendo sempre desvelados em seu ser-ai. Este desvelamento ganha uma significação, a mundanidade.

O ser-com-os-outros constitui o modo de ser-aí juntos aos outros, mais especificamente, como Spanoudis (1981, p. 18) cita: “o *como* me relaciono, atuo, sinto, penso, vivo com os meus semelhantes”. O modo básico de viver com os outros, ou seja, o chamado “a gente” tem características próprias que domina a maneira de viver *com*. Para Heidegger, este “a gente” é ao mesmo tempo o *ninguém* que acomoda a todos que estão perdidos de si mesmo *aí* no mundo. É um modo de “viver com os outros que possibilita tanto o viver em comunidade, onde cada um compartilha numa maneira própria e autêntica, quanto o viver dissolvido e diluído na massificação, absorvido no coletivismo, tornando-se uma peça, um objeto manipulável” (SPANOUDIS, 1981, p. 22).

SEGUNDO CAPÍTULO

Sobre Violência

2.1 - Violência Ontológica

No livro “*Ontologia da Violência: o enigma da crueldade*” Bastos, Cabral e Rezende (2010) fazem uma leitura da violência a partir de uma dimensão existencial interpretando esta como um “modo de ser do indivíduo que não consegue lidar com a alteridade e com o caráter transitório da vida e de si mesmo”. (p. 252)

Desde o início os autores esclarecem que a idéia é fazer uma nova análise para o que chamamos de violência, porém esta pode apresentar necessidades de melhoramentos. Entretanto, esta maneira contemporânea de se pensar a violência nos abre para novas perspectivas de estudo e compreensão no que diz respeito ao modo de ser do *Dasein*.

No começo da discussão, os autores já apresentam seu projeto de estudo que visa atender a um projeto maior, que seria pensar a relação entre “estética da igualdade” e “poética da não-violência”, como explicam no trecho a seguir:

“De chofre pode-se dizer que a estética da igualdade é a experiência do belo no acontecimento da igualdade entre os seres que compõem o tecido da vida. Esse acontecimento estético ocorre através de uma prática poética da não-violência. Por poética da não-violência, como ainda deve ser explicitado, compreende-se toda prática criadora de modos de vida não-violentos. A poética da não-violência é, no fundo, uma estratégia de perversão dos mecanismos perpetuadores da violência no Ocidente. A relação entre estética da igualdade e poética da não-violência é a seguinte: a desconstrução dos dispositivos mantenedores e propagadores da violência se dá através da criação de práticas e experiências de igualdade.” (BASTOS et al., 2010, p. 32).

Ao explicitar esta relação, os autores apresentam a proposta do livro de demarcar a igualdade como o contrário da violência.

Trazendo a análise do fenômeno da violência a partir de uma perspectiva ontológica, o livro desconstrói uma lógica imposta no mundo de que violência se dá

através do excesso de animalidade presente em um dito instinto do ser humano. Em Heidegger, vemos que o homem não possui instintos, já que suas necessidades se dão a partir dos seus modos de ser no mundo. Os autores discutem então a violência como algo intrínseco ao modo de ser do homem, ou seja:

“Somos violentos porque somos humanos e não porque somos a mescla de animalidade e racionalidade. Por sermos humanos, a violência não surge por falta de razão, mas por excesso. [...] A violência então [...] é uma possibilidade de ser de todo homem, que encontra no excesso de razão as justificativas para consumir sua perda de razão”. (idem, p. 33).

Assim como o homem não possui instintos, ele não possui também, de início, uma racionalidade. A racionalidade que tratamos aqui é também uma possibilidade que já é dada pelo mundo no qual o *Dasein* se constitui, sendo essa possibilidade também característica do mundo técnico Ocidental. A racionalização no Ocidente é tida como fundamental e essencial para o existir do homem e colocada como necessária para uma relação de paz. Porém, com a incessante busca pelo apaziguamento, o homem não se dá conta que na verdade a racionalização é um modo de ser violento disfarçadamente.

“Na ânsia de racionalização a todo custo, o processo civilizacional ocidental deixou vir a lume que o problema da violência está diretamente ligado à essência da razão. O racionismo é hoje a grande fonte de violência.” (idem, p. 61)

O modo de ser racional desde sempre foi considerado como necessário para a compreensão da realidade. No séc. XVII Copérnico, junto da sua descoberta de que a Terra não era o centro do universo, abre espaço para uma crise existencial no mundo em que as pessoas se dão conta de que elas também não são o centro de tudo. Pensadores vão surgindo para apresentar novos pensamentos que substituiria o sentimento de menoridade existencial, e a racionalidade ganha força na definição da existência, como Hegel explicita: “Todo real é racional”, Descartes também, com o seu método da dúvida: “Penso, logo existo”. Tal modo de

compreensão da realidade se faz necessária no Ocidente para a compreensão do modo de existir do homem, e com a chegada do pensamento Iluminista no séc. XVIII a racionalidade passa a ser considerada responsável pela aquisição da autonomia do homem como trazido por Kant em 1784: “o iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem.” (1990, p. 11). Mas tudo isso ainda não explica como o *Dasein*, que originariamente não é determinado, adota o modo de ser racional advindo do mundo.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger coloca que “a essência do ser-aí esta em sua existência” (2016, p. 85), ou seja, o homem só é enquanto ele existe, e é em seu sendo que este se relaciona com o seu ser em uma compreensão. (idem, p. 98). Por o *Dasein* também só poder existir no mundo, suas determinações ontológicas são conquistadas processualmente. Tudo é então possibilidade de ser, e “relacionar-se consigo é cuidar de suas possibilidades e responder pelo fato de ter de assumir-se na existência. Nessa dinâmica existencial, tudo que o homem realiza produz o ser que ele é.” (BASTOS et al., p. 95). Como apresentado no capítulo anterior, o mundo aparece como totalidade de significados e o *Dasein* não é nada a priori, ou seja, não possui nenhuma determinação ontológica, mas ainda tem que assumir existencialmente modos determinados de ser. O horizonte histórico do mundo delimita as possibilidades de ser do ser-aí e é sendo no mundo que ele, se ocupando dos entes, é absolvido na cotidianidade do mundo.

A racionalidade é considerada então como uma possibilidade conformativa da totalidade do real, um modo de abertura do mundo que:

“[...] aparece por causa e para o poder-ser do homem. À medida que o homem relaciona-se com tudo e todos para assegurar-se do seu curso e dominar os eventos, ele conforma-se de acordo com o mundo racional que faz antecipar tudo e todos. [...] Devido a essas características do “mundo racional”, o homem passa a ver-se como ser simplesmente dado, o que o leva à pretensão de supressão do seu caráter de poder-ser.” (idem, p. 106-107).

Como dito no primeiro capítulo, o ser-aí já se encontra lançado ao mundo na decadência, não respondendo ao seu poder-ser de maneira singular, mas sim na impessoalidade. E este “impessoal é sempre “racional”, visto que o curso de tudo já é previsível e o homem lida taticamente com tudo, especialmente consigo mesmo. [...] Tudo se torna seguro e a angústia não ganha aí a sua voz.” (idem, p. 107).

A partir deste pensamento, a racionalidade torna-se normativa no mundo Ocidental através do modo impróprio do ser aí, que necessita da estabilidade vital para assegurar sua existência. A razão surge como uma facilitadora dando a impressão de que resolve o problema da existência, pois a partir dela tudo passa a estar objetivado, controlado e previamente determinado, gerando previsibilidade e constância no que é incerto, e causa uma interrupção no processo de singularização do ser-aí, desresponsabilizando-o do seu caráter de poder-ser. Por o mundo já ser racionalizado, o homem é empurrado por este percurso suspendendo seu modo de poder-ser e se fixando na impropriedade.

Como visto, não existe puramente um poder-ser já que este depende da abertura de significados do mundo para ser, as referências se tornam necessárias para a constituição do ser-aí. Mas ter de ser é de início uma responsabilidade muito grande, por isso decaímos na capa de preconceitos do horizonte histórico de maneira imprópria facilitando nossa absorção pelo mundo, para fugir da responsabilidade de ter de ser. Este mundo é de início racional que viabiliza segurança absoluta com a sua lógica controladora e estabilizadora da existência. Para este mundo racional “tudo tem uma ordem e qualquer caos pode ser reconduzido à ordem da qual fugiu.” (idem, p. 131). Este é justamente o problema da razão, que suspende o caráter performático da existência e suprime toda forma de singularidade em prol da estabilização e segurança. A estabilidade relativa, que é a estabilidade do real, é necessária para que o ser-aí encontre o espaço de conquista de sua singularidade, mas com a ditadura da razão, o processo de singularização é impossibilitado pela estabilidade absoluta.

Temos aqui então a estabilidade absoluta e controladora imposta pela razão e a estabilidade relativa que faz parte do processo de singularização do *Dasein*, e elas se relacionam com tipos existenciais distintos. Como dito anteriormente, a estabilidade absoluta ganha espaço no modo impróprio do ser-aí,

em que a razão é fonte de alienação em si. Na estabilidade relativa, o tipo singular, ou modo próprio, faz da estabilidade um meio para a conquista de si mesmo. Na primeira, é através do modo de ser violento que a existência encontra um meio de preservar seu modo de vida. Já na segunda a existência é assumida em seu caráter agressivo, como cita Bastos et al.:

“Todo processo de singularização acontece à medida que o homem afirma um tipo de existência que assume o caráter agonístico da realidade. [...] Toda relação é passível de uniformização, e o mundo, [...] passa a funcionalizar a existência e a normatizar as experiências. Toda singularização acontece quando a existência humana volta-se de algum modo contra o poder normatizador do mundo impessoal. [...] Ser agressivo é ser seletivo, ou seja, é viabilizar um modo de ser que confira singularidade existencial à medida que saiba rejeitar as relações e comportamentos alienadores. [...] Em outras palavras, toda existência própria se faz através da acolhida da diversidade de entes que compõem o mundo. [...] Sem a acolhida da alteridade não há conquista da singularidade.” (2010, p. 132-133).

A alteridade é lida aqui como as diferenças que se expressam na relação de interação e dependência com o outro. A acolhida supracitada “mostra que a existência singular perfaz-se em meio à tensão entre diferenças”. (idem, p. 133). Nesse sentido a alteridade é adequada a minha singularidade, ou seja, enquanto a nossa singularidade é construída na tensão relacional que o encontro de diferenças é possibilitado. A agressividade citada é aquela que torna o homem livre para si, acolhendo a pluralidade de relações com a alteridade. Liberdade aqui é colocada como um processo existencial que não se omite diante das dependências, mas as reconhece para que a singularização possa ser conquistada, como diz os autores:

“A alteridade sempre desestabiliza a estruturação vital do homem, mas sem a alteridade não se conquista a liberdade de ser singular. Devido à desestruturação existencial causada pela alteridade, a agressividade aparece como o modo como cada existente apropria-se dos novos elementos que irrompem em sua existência como favoráveis à conquista de sua singularidade. [...] Neste sentido, a estabilidade inerente à existência

agressiva é conquistada através de mudanças sucessivas, devido à acolhida da alteridade e do caráter processual do seu poder-ser.” (idem, p. 134).

No modo impróprio a violência é um instrumento para a manutenção de si mesmo. Para este tipo de existente a alteridade é considerada perigosa, pois ela coloca em jogo a estabilidade vital do ser, por isso ela deve ser dominada ou destruída. No modo impróprio o *Dasein*, na fuga da responsabilidade do caráter de ser si mesmo, busca controle e segurança, justamente, para este indivíduo, a alteridade deve ser diminuída e padronizada garantindo que as coisas sejam sempre previsíveis e passíveis de controle. Este processo de coisificação e padronização dos entes chama-se reificação, sendo então o principal processo propulsor da violência. Portanto, “o excesso de razão acontece quando a razão tenta transformar a estabilidade relativa em estabilidade absoluta. É a hora em que a razão deixa de estar a serviço da singularidade e do caráter agressivo da existência, para corroborar a experiência de violência.” (idem, p. 137). A violência é portanto a reificação da alteridade, ou seja, é um dispositivo de manutenção que assegura o estado de estabilidade absoluta e normatizadora que o indivíduo no modo impróprio deseja a qualquer custo, pela sua incapacidade de assumir seu ter de ser. Mesmo que ele não queira aniquilar ninguém, a relação consigo mesmo e com a alteridade passa a ser uma relação reificadora. Justamente por isso a violência lhe é congênita. A reificação da alteridade em prol da estabilidade existencial do modo impróprio é a raiz de toda violência, segundo os autores.

Tendo essas definições esclarecidas utilizaremos da descrição tipológica da violência de Erich Fromm, utilizada também pelos autores do livro. Através dela, poderemos elucidar melhor como a violência se constituiu na vivência do entrevistado a ser analisado.

Fromm cita em seu livro *O coração do homem* (1967) cinco caracterizações do modo de ser violento, a violência recreativa, a reativa, a vingativa, a compensatória e a sede de sangue.

O primeiro tipo, a violência recreativa, é definida pelo autor como um conjunto de práticas afim de se avaliar as habilidade de um indivíduo, mas que não

possuem como fim a destruição do outro, nem é motivada por ódio. Como exemplo BASTOS et al. (2010, p. 140) citam o jogo de esgrima, onde a prática de violência tem um fim de exibição ou recreação e o adversário representa apenas a oposição da alteridade que é necessária para aperfeiçoar as capacidades dos envolvidos, não havendo um processo de reificação. Porém os autores trazem também como exemplo a existência de uma violência pseudorrecreativas como o caso dos “trotos” universitários, “quando a aparência do lúdico é só usada como máscara para práticas reificadoras.” (idem, p. 140).

A violência reativa é aquela empregada em prol defesa da vida, sua raiz encontra-se no medo, de algo real ou de algo imaginário, e tem como intuito preservar a si mesmo, ao outro ou à algo. Em uma situação de ameaça que coloca em jogo a normalidade da existência, o medo age como um alerta elevando também a experiência de impotência. Então, diante de um perigo ou uma ameaça, o indivíduo se sente impotente e utiliza do ato violento para se resguardar e aniquilar a ameaça. Como por exemplo no tipo de violência reativa advindas da frustração, em que o indivíduo tenta, pelos atos violentos, adquirir algo para sua existência. A experiência do ciúmes e da inveja também vem da frustração e agem com a violência para obter algo ou favorecer o modo de ser da pessoa frustrada. “O reativo produz um tipo vital que combate tudo que deflagra sua impotência.” (idem, p. 142).

No caso da violência vingativa há uma função defensiva, ela possui apenas o intuito de descontar, em igual medida, um ato de violência sofrido. Mas ela só é necessária caso o indivíduo sinta que seu vigor existencial e sua autoestima tenha se despotencializado. “A despotencialização existencial refere-se à produtividade do indivíduo. Improdutivo, o homem que quer vingança acredita que magicamente reconquistará o vigor ofendido, retribuindo de igual modo o ato sofrido.” (idem, p. 142-143). A violência vingativa realiza-se então quando a punição violenta imposta ao outro é um meio de recuperar o modo de ser perdido daquele que se sentiu agredido. Tal modo de ser é considerado perdido pois a alteridade do outro surgiu no mundo deste.

Outro tipo de violência que está relacionada à violência vingativa é causada pelo desmoronamento da fé. Tal desmoronamento leva à crise radical do antigo sentido estabilizador da existência. Essa experiência de violência refere-se ao

ódio que surge em relação à vida, em que nada vale a pena a ser levado a sério, pois o sentido da vida que parecia ser absoluto não possui estabilidade e densidade alguma (idem, p. 144) e a solução seria apenas viver de forma única e destrutiva. Este comportamento não possibilita nenhuma singularização.

Fromm fala de dois últimos tipos de violência: a compensatória e a de sede de sangue. A primeira advém de uma fraqueza do homem diante do seu modo de se colocar no mundo, que o impossibilita de agir, gerando sofrimento, ele então usa de comportamentos violentos a fim de estes lhe proporcionar a experiência de potência.

“Nestes, o objetivo não é fazer o outro sofrer, mas exercer o domínio sobre o outro. Tal violência é compensatória, pois ela busca transcender o mundo, subjugando-o. Já que a transcendência não se estabelece assumindo a alteridade como necessária à experiência de singularização, busca-se um processo criativo no qual o outro é um elemento a ser subjugado e não acolhido.” (idem, p. 146).

O último tipo de violência citada por Fromm em sua análise tipológica é a violência por sede de sangue, que se caracteriza pelo ato de destruir o outro para sentir-se vivo, sentir-se forte, acima dos outros. São comportamentos que, segundo o autor, são de sociedades primitivas, em que a matança é realizada por afirmação de si. “O caráter violento dessa prática aparece [...] na compreensão de que somente com a aniquilação do outro, o homem tem acesso à fonte de vida. [...] Isto pressupõe a redução do outro a mim e a destruição de sua alteridade.” (idem, p. 147).

Após essa análise tipológica da violência Bastos, Cabral e Rezende explicitam como se dá essa violência em nossa cultura, utilizando para isso o autor René Girard que pensa nos mecanismos legitimadores da violência e sua respectiva linha de fuga. No texto “Anjos e Demônios” (2001), Girard realiza uma compreensão da religião como elemento fundante da cultura, e em um momento do seu texto ele se fixa na prática religiosa do sacrifício, que é um elemento comum em diversos rituais religiosos, e a partir daqui ele tira a noção de sacralização da violência, que legitima atos de violência em prol do divino. Essa prática sacrificial relaciona-se com

a necessidade de aniquilação da vítima para torná-la sagrada, com o objetivo de suprimir o caos, ou seja, o sacrifício só é eficaz se seu objetivo último visar a destruição do caos. O homem religioso acredita que o caos é perigoso por ser responsável em atrapalhar a ordem hierárquica do mundo, impossibilitando a conquista da plenitude do ser. Então busca-se algo que possa ser sacrificado em prol do restabelecimento da ordem, e é aqui que Girard (2008) introduz a “hipótese da substituição”, nas palavras dele: “A sociedade procura desviar para uma vítima, relativamente indiferente, uma vítima ‘sacrificável’, uma violência que talvez golpeasse seus próprios membros, que ela protege a qualquer custo.” (p. 14).

Ou seja, segundo o autor, todo sacrifício tem que ser entendido por interesses que regulam os arranjos sociais, sempre almejando a ordem. Até mesmo sacrifícios que não tenham aspectos religiosos, a sociedade escolhe uma vítima para despejar o ódio em prol do restabelecimento da ordem, e isso já se caracteriza como uma prática sacrificial. Por o sacrifício se conectar a uma necessidade social específica, a escolha das vítimas estão diretamente ligadas à estrutura social. Essa escolha é feita aleatoriamente e o escolhido passa a ser o bode expiatório que representa todo o ódio da sociedade que deseja a instauração da ordem social. A eleição de um bode expiatório diz respeito a uma questão metafísica, pois esta presente em toda estruturação cultural e em todo e qualquer momento histórico. O livro chega a citar o exemplo do assassinato de mulheres realizado pela igreja no período da inquisição. Com as recorrentes mortes provocadas pela peste, a crise social se instaurou, conseqüentemente, a necessidade de supressão do caos. Rapidamente as mulheres consideradas bruxas aparecem como culpadas para que houvesse um restabelecimento da ordem vigente. Não interessa se a ideia de bruxaria era fantasia, a necessidade de acusar alguém como responsável pela crise cultural se fazia mais importante do que o fato em si, não era nem mesmo necessário a presença física do culpado ou o estabelecimento de provas para a escolha do bode expiatório.

Atualmente a gente pode enxergar o mecanismo do bode expiatório presente nas instituições, pois onde “há instituições brota violência”. (BOFF, 2000, p. 54). Elas são consideradas “sistemas autorreguladores e sacrificiais, ou seja, elas punem, excluem e até eliminam quem não se junta a elas.” (idem, p. 54). As

instituições são responsáveis pela lógica mercadológica presente na contemporaneidade, e são também responsáveis por marginalizar as pessoas gerando a separação entre opressores e oprimidos, facilitando a escolha dos bodes expiatórios, essa escolha diz respeito hoje, principalmente aos interesses dos opressores. A partir daqui, pode-se dizer que, todo grupo oprimido, sendo ele de gays, negros, índios, pobres e etc., são considerados grupos que irrompem com a estabilidade social, e eles serviam e servem até hoje como perpetuação do mecanismo de sacrifício em prol da restauração da ordem social, com o intuito de gerar uma paz conquistada a partir da reificação e anulação da alteridade.

A era tecnocrática potencializa a reificação da alteridade em nome da racionalidade e segurança fazendo com que a violência encontre sua legitimação e justificação. Sendo a violência um mecanismo do modo impróprio de anular a alteridade do outro, poderia-se dizer que o intuito da violência é a paz, mas é uma paz que, de início, já é debilitada, pois ela é conquistada através da supressão da alteridade do outro e é interpretada como estabilidade e cristalização de um arranjo existencial determinado. Se a nossa existência é marcada por descristalizações, rupturas e alteridade, essa paz nunca se estabelece de vez. Por isso a necessidade de criação de bodes expiatórios para a conquista da paz social.

A partir destas considerações surge um problema, a paz social então é impossível de ser conquistada? Existem alternativas para lidar com a ditadura da era tecnocrática que potencializa a violência? Nenhum homem pode mudar uma abertura epocal constituída de um determinado horizonte histórico, já que a existência se desenvolve dentro dele. Mas isso não significa que não podemos rearticular elementos da nossa época e abrir espaços para que um novo tempo aconteça. Os autores colocam as práticas antivioltentas como uma possibilidade de reorganizar práticas e que abrem espaços alternativos que não nos deixam ser escravos da ditadura tecnocrática, eles pontuam que a “antiviolença é uma prática de perversão dos dispositivos de disseminação da violência.” (BASTOS et al., 2010 p. 254). Ou seja, essa prática torna visíveis os mecanismos de reificação, estando a favor então da singularidade, da alteridade e da pluralidade.

Quando os autores pontuam no início do livro que “a desconstrução dos dispositivos mantenedores e propagadores da violência se dá através da criação de

práticas e experiências de igualdade” (idem, p. 33), eles colocam a igualdade como antítese da violência. Se faz importante pontuar então que a luta contra a desigualdade seria a principal prática antiviolaenta dos tempos modernos, sendo esta luta a que mais se aproxima da idéia de paz social. Como os próprios autores citam: “Deveríamos fazer da luta contra a desigualdade o estandarte da paz.” (idem, p. 33).

2.2 - Violência da lei

No início deste capítulo procurei explicitar como se dá compreensão ontológica da violência e suas formas de atuação na nossa cultura Ocidental. A partir disso, considero importante para a análise da vivência registrada neste trabalho ressaltar as formas como as instituições realizam práticas de violência. Se tomarmos como base a obra *Ser e Tempo*, chegamos a conclusão de que quando estamos falando de instituições na verdade não estamos falando de ninguém em específico, portanto considera-se aqui por instituições conglomerados de normas alienadoras que abrem espaço para práticas da violência, mais especificamente: A lei, a mídia e a prisão.

Ainda na obra de Bastos et al., a lei é citada através da discussão de Einstein e Freud (1976, p. 245) quando estes tentam encontrar respostas para os atos violentos da época. Eles citam: “A lei e o poder inevitavelmente andam de mãos dadas, sendo, portanto, submetidos aos interesses em jogo na sociedade” (apud, BASTOS et al., 2010, p. 47). Toda civilização é estruturada pela violência da lei, pois esta contribui para a organização social e para a proteção de seus membros dos perigos inerentes à violência causada pela força bruta de um indivíduo ou de poucos indivíduos mais fortes. Tais leis ajudam então a caracterizar as violências, porém elas por si mesmo são violentas pois já são impostas por um pequeno grupo social que domina o judiciário, logo, as violências contra estes grupos são mais penalizadas que outras. A lei é usada então, como uma imposição de uma classe sobre a outra, não provocando medo em quem a aplica pois estes possuem a sensação de controle sobre o outro, que considera menor a si mesmo. A lei passa a ser o poder da comunidade dos mais fracos. Ela passa a ter a mesma função de uma arma. Subjugar ou aniquilar o opositor. (idem, p. 51).

As rebeliões e revoluções surgem através da tentativa das comunidades de não serem totalmente lesadas por leis injustas. Ao serem lesionadas, elas se unem por processo de identificação criando uma revolta ou criando suas próprias leis, como no caso de organizações criminosas que dominam regiões periféricas.

Para que as leis tenham força em sua aplicação é necessário o apoio de parte da população, para isso a alienação possui um papel importante na estruturação da sociedade civilizada. Ela é utilizada como um instrumento para que as práticas de violências se perpetuem sem grandes julgamentos. Neste caso, a mídia interpreta um papel fundamental na prática da alienação, dirigindo seus conteúdos que culpabiliza indivíduos específicos por diversos tipos de violências, contribuindo para que as pessoas não se sintam co-responsáveis por estas.

“A mídia trepidante nos corrói a toda hora com informações acerca da violência. O problema é que as informações de mídia quase sempre são fontes de deformação. [...] Não se mostra o que a realidade em questão é; não se suscitam questões sobre aquilo que é apresentado. Pelo contrário, a mídia não sobrevive do instigamento dos porquês e para quês, mas da alienação da curiosidade. [...] A mídia vive e sobrevive da curiosidade. Por isso, vive da alienação.” (idem, p. 35-36).

Quando falamos de violência, a alienação consiste em as pessoas acreditarem que a conhecem porque ouviram e viram imagens e notícias reduzidas da violência. Assim quase nunca a mídia permite a alguém se ver implicado na violência da qual se informou.

A alienação também era utilizada, como explicitado por Foucault em *Vigiar e Punir* (1975), como uma forma de disseminação de ódio no julgamento de um culpado. Com os suplícios, prática comum no século XVI que torturava os condenados em público, as comunidades sentiam pena do torturado, facilitando o processo de identificação e mudando o direcionamento do ódio para os soberanos que aplicavam as rígidas leis. Era preciso então que o culpado fosse colocado no lugar de inimigo social para que a pena fosse duramente cumprida.

“Todo malfeitor, atacando o direito social, torna-se, por seus crimes, rebelde e traidor da pátria; a conservação do Estado é então incompatível com a sua; um dos dois tem que perecer, e, quando se faz perecer o culpado, é menos como cidadão que como inimigo.”(ROUSSEAU, 1762, apud. FOUCAULT, 1975, p. 89).

A lei então favorece a discriminação de grupos específicos de indivíduos e a mídia, com a alienação, rompe com o processo de identificação destes grupos com a massa, facilitando assim o julgamento deles e a banalização da violência.

As prisões aparecem aqui como um espaço de correção do comportamento considerado inaceitável pela lei, pelo menos é o propósito imposto pelo presídio. Porém, ele acaba por ser um local de reificação do preso, subjugando seus corpos e tornando-os mero estados de coisas, números, estatísticas, vítimas de um sistema violento.

Em *Vigiar e Punir* (1975), Foucault traz um série de considerações levantadas após a constatação dos fracassos em relação às prisões da França no século XVI, porém, com exceção dos números, podemos replicar tais considerações ao que acontece no sistema carcerário brasileiro.

A primeira delas diz respeito às taxas de criminalidade que não diminuem com as detenções, pelo contrário, pode-se aumentá-las, multiplicá-las ou transformá-las. (FOUCAULT, 1975, p. 259). Outra pontuação feita no livro diz respeito à fabricação de delinquentes com o processo prisional, que com as condições insalubres das celas, abre espaço para a violência no local:

“A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho inútil, para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não “pensar no homem em sociedade; é criar um existência contra a natureza inútil e perigosa”; [...] A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; [...] O sentimento de injustiça que um prisioneiro experimenta é uma das causas que mais podem tornar indomável seu caráter. Quando se vê assim exposto a sofrimento que a lei não ordenou nem mesmo previu, ele entra num estado habitual de cólera contra tudo o que o cerca; só vê carrascos em

todo os agentes da autoridade: não pensa mais ter sido culpado; acusa a própria justiça.” (idem, p. 261).

A partir das violências e do sofrimento dentro das celas, os presos se organizam em seu processo de identificação tornando possível, “ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras” (idem, p. 261).

Mesmo após saída do presídio, as condições que são possibilitadas ao ex-detento vão contra as tentativas de reinserção social oferecidas pelo Governo. “A detenção provoca a reincidência; depois de sair da prisão, têm-se mais chance que antes de voltar para ela, os condenados são, em proporção considerável, antigos detentos.” (idem, p. 260). Nesse quesito está implicado não somente a dificuldade de encontrar empregos, como também a “marca” de ex-presidiário que tem que carregar para toda a vida, sendo julgado e apontado por todos ao seu redor. Combinando estes fatores com os problemas de desigualdade, discriminação, preconceito e racismo existente no país, as probabilidades de um ex-detento retornar às práticas do crime são maiores.

A prisão se faz então ineficaz em relação ao seu propósito, como aponta Foucault:

“Deveríamos então supor que a prisão e de uma maneira geral, sem dúvida, os castigos, não se destinam a suprimir as infrações; mas antes a distingui-las, a distribuí-las, a utilizá-las; que visam, não tanto tornar dóceis os que estão prontos a transgredir as leis, mas que tendem a organizar a transgressão das leis numa tática geral das sujeições. A penalidade seria então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles. Em resumo, a penalidade não “reprimiria” pura e simplesmente as ilegalidades; ela as “diferenciaria”, faria sua “economia” geral. E se podemos falar de uma justiça não é só porque a própria lei ou a maneira de aplicá-la servem aos interesses de uma classe, é porque toda a gestão diferencial das ilegalidades por intermédio da penalidade faz parte desses mecanismos de dominação. Os castigos legais devem ser recolocados numa estratégia

global das ilegalidades. O “fracasso” da prisão pode sem dúvida ser compreendido a partir daí.” (idem, p. 267).

Mesmo assumindo o fracasso do sistema prisional, levantar possibilidades de mudanças se faz uma tarefa difícil, ainda mais quando falamos de presidiários que trata-se uma população excluída e negligenciada. Para se pensar um novo modelo prisional seria preciso alterar toda a estrutura social do país, que permite que muitos crimes ocorram. Não há como desencarcerar tal alteração, por isso que o movimento hoje é contrário, cria-se presídios no lugar de políticas públicas.

TERCEIRO CAPÍTULO

Entrevista e Núcleos de Sentidos

Neste capítulo apresentarei a entrevista acompanhada das unidades de sentido que tem por finalidade focar no sentido de cada resposta dada pelo entrevistado.³

Legenda explicativa:

P - Pesquisadora

L - Luís

US - Unidades de sentido

P: Para começar nossa conversa eu queria te perguntar o que é liberdade pra você?

L: Liberdade pra mim é... a coisa mais maravilhosa do mundo, é uma coisa que você, que eu.. assim.... no mundo que a gente vive, é rápido pra perder mas para conquistar, reconquistar ela é muito difícil. Ela é.... sabe..... ela é uma experiência assim que te dá muita ansiedade. Você trabalha um... você conquistar o sentimento de liberdade, você vai buscando ele a cada dia, assim é difícil explicar, quando você, sabe? Passa por diversa situação, e tipo fala assim perdi minha liberdade e ai num certo momento você reconquistar ela, então é difícil, mas é uma sensação praticamente inexplicável, o sentimento de liberdade né, que é seu poder ir e vir, acordar, deitar dormir do lado da sua esposa das suas filhas, sabe? Poder abraçar sua mãezinha, tá com a sua família pra mim é praticamente isso, é esse sentimento maravilhoso de poder tá com quem você realmente quer.

US 1 - Luis atribui o significado de liberdade como fundamental para a vida e como uma conquista “que você vai buscando a cada dia” para poder realizar o que lhe faz sentido, que é deitar-se ao lado da esposa, das filhas. Parodiando Sartre: Somos livres para nos libertar.

³ Todos os nomes dos citados foram trocados para preservar a identidade dos mesmos.

P: Me fala um pouco como foi sua infância no geral, da onde você veio, a onde você morava, o que você lembrar.

L: Minha infância foi praticamente toda aqui, se quiser bater uma foto desse fundo ai, mas a minha infância eu fui praticamente nascido e criado aqui né, a favela da vila das pratas, caixa d'água, Naide, buraco do sapo, Vila Império, tem vários nomes, eu sou aqui dessa região aqui, meus pais também, minha mãe é ali da vila das araras, meu pai também é daqui da vila das pratas, mas... fui nascido e criado aqui. Com 13 anos eu me mudei daqui, fui morar lá no Jabaquara na Vila Santa Catarina, na favela da Alba, mas boa parte da minha infância assim, minha essência é praticamente toda daqui. E foi uma infância saudável, aqui ó brincando aqui ai no campinho de terra, bolinha de gude, pipa, andando de bicicleta na rua ai, pulando *corgo*, fazendo várias trapalhadas por ai, mas foi uma infância bem legal, bem saudável, não foi tão violenta assim quanto o decorrer da minha história, mas foi uma infância bem legal.

US 2 - Fala de um sentimento de pertencimento e familiaridade à região. Embora tenha se mudado por um período, sua infância foi aqui, uma infância feliz, com lembranças de brincadeiras e de familiares.

P: E você morava com seus pais então?

L: Sim, eu morava com a minha mãe, era minha mãe, meu pai. Eles saiam pra trabalhar, eu já morava ali em cima perto da padaria Franca, mas eu sempre ficava aqui embaixo com a minha vó, ela sempre morou aqui, ela me criava aqui embaixo.

US 3 - Sempre morou com os pais, eles iam trabalhar e ele ficava com a avó. Ela o criava.

P: Nessa época você já frequentava a escola? Como era sua rotina?

L: Eu estudava aqui no São Francisco de Assis, era o prézinho, ia pra escola acho que no período da tarde, de manhã eu já vinha pra casa da minha vó, meu tio que me levava, meu finado tio Djalma..... faleceu também vítima de uma emboscada, ele que me levava sempre e me buscava e o resto do dia ficava ai soltando pipa jogando bola.

US 4 - Tio Djalma faleceu vítima de uma emboscada (assassinato). Perda pela violência.

P: E como era a região na época, quais lembranças você tem daqui?

L: Dessa época, não tenho muitas lembranças, são mais lembranças brincando sabe, com meus amigos por ai na rua. Eu lembro mais de como era na Alba, que nem eu saí daqui com 12 anos... com 12 anos, em 1993, e fui morar na Catarina. Isso daí já decorrência do nosso estilo de vida. Meu pai era um traficante local aqui né. Ai a policia veio devido a uma caguetagem pegou ele, levou e ficou um mês preso, ai depois ficou aquele inferno, toda hora na bota querendo dinheiro, isso e aquilo. A gente acabou saindo daqui e se *mudamo* pro Jabaquara a onde que foi ali o fim, uma parte da vida do meu pai ali ele tava ali encerrando a vida dele no crime, a gente tomou esse tombo ai, ele pegou a gente, mudou e ele realmente buscou outros parâmetros pra vida dele, com essa mudança. Mas não foi tão fácil porque ai depois dessa mudança ainda tinha o nome dele ainda que circulava a quebrada inteira, a região inteira e tinha um círculo de interesses através disso dai, ai varios caras foram bater na minha porta armado, pressionando ele, querendo espaço, isso e aquilo, e ele se esquivando falando que não tinha mais, que não *tava* mais envolvido, que já não era mais com ele e ai, até ai foi um processo um pouquinho demorado ali. Eu lembro que ele uma vez, ele colocou a gente num porão na casa aonde tinha e foi conversar com uns caras lá no quarto, sabe? Uma situação bem tensa assim, mas que não foi tão rápido, foi uma transição assim.... um pouco demorada, mais que também tipo assim, não abandonou a gente por completo porque ai foi aquela fase da nossa, da nossa fase de pré-adolescente pra adolescente, então aquilo ficou ali tipo né meio que marcado, meio que

caracterizado na nossa personalidade, sabe aquela pressão aquelas coisa toda a gente já começou a crescer um pouco com aquela é... instinto ruim do que a convivência pede pro ambiente. E assim começamos a se envolver, nessa fase ai eu já comecei já a ter os amigos da escola, estudava lá no Brasiliano Machado, ia lá pro lado da Santa Cruz, já comecei a me envolver com outros tipo de pessoas e com a minha origem da periferia, tendeu?

US 5 - Violência em “decorrência do nosso estilo de vida”. Pai era traficante e sofreu perseguição após prisão, “ai depois ficou aquele inferno”. Se mudaram para mudar de vida, mas relações fazia com que a violência ainda estivesse presente: “ainda tinha o nome dele ainda que circulava a quebrada inteira”. Lembranças de violência na pré-adolescência: “eu lembro que ele uma vez ele colocou a gente num porão na casa aonde tinha e foi conversar com uns caras lá no quarto, sabe? Uma situação bem tensa”.

O entrevistado fala de como experiência com a violência o marcou: “então aquilo ficou ali tipo né meio que marcado, meio que caracterizado na nossa personalidade”

P: Então já conta um pouco mais como foi essa adolescência.

L: Ah era.... assim, eu tinha minha liberdade assim, minha adolescência saia pros baile, tinha uma baladinha ali perto do Jabaquara o Arcana, Club Mix a gente todo domingo, sábado e domingo, tava sempre lá, às vezes de quarta, quinta-feira, eu fui sempre bem solto assim meus pais nunca me prenderam sempre tava na noite e... conheci a maconha né todo mundo fumando maconha, já com os boys lá da Santa Cruz, ai já comecei a pegar uns pedaços no Vietnã e a levar lá pro lado da Santa Cruz e já comecei a me envolver com os moleques de lá, peguei muita amizade pra lá vendendo maconha pros moleques lá.

US 6 - Início no crime já na adolescência pelo consumo e venda de drogas “ai já comecei a pegar uns pedaços no Vietnã e a levar lá pro lado da Santa Cruz e já comecei a me envolver com os moleques de lá”

P: Quantos anos você tinha nessa época?

L: Essa época ai eu já tava com 15 pra 16 anos.

P: E foi sua primeira experiência com o tráfico?

L: Sim, foi minha primeira experiência. Como né, assim quando era menor, minha casa, sabe? Tinha lá a contagem tudo, às vezes deixava escapar alguma coisa, eu ia lá no armário do meu pai e pegava lá, tinha sempre os maços de dinheiro, sempre tirava na de cem, eu sempre tirava 10 de cada maço pra poder jogar fliperama. Sabe? Eu sempre tipo assim, nossa vida sempre né, infelizmente torneada por esse né, por essa situação. Mas eu efetivamente foi essa idade que eu comecei a ir buscar atrás, meu pai já nem queria mais, se ele descobrisse já ele ficava, sabe? A primeira vez que ele me pegou fumando maconha com o vizinho meu lá ele falou *eae mano se Rogério ai ta trazendo eu falei não mano, Rogério não mano, eu sei aonde vende, eu fui buscar, e eu to fumando porque eu quero, sabe?* Foi a primeira vez que eu lembro também o conflito com ele que eu tive assim por causa das drogas daí ele *ah é com você mesmo, a gente sabe, procura..* ele sempre falava *lavo minhas mãos sabe, a gente sempre te mostrou o certo e o errado, tendeu? E eu não quis isso pra você.* E.... assim que eu me lembrei foi até a primeira fase na minha menoridade, de 15 a 16 anos assim, o contato assim com o mundo das drogas assim, mas era mais ali aquele negócio de amizade, relacionamento, não era tão aquela coisa de né, de violência de você ficar no ponto de tráfico, armado, sabe? Com contenção, pacote de drogas, cercado de noia, de tudo aquilo de coisa ruim que veio posteriormente acontecer né.

US 7- Experiência com tráfico aos 15-16 anos através do uso da maconha por conta das amigadas, o pai viu ele usando maconha com o vizinho – lavo as minhas mãos. Violência nessa época era diferente da violência de ficar cercado de *noias* (usuários/viciados) também pelo contato com a violência, uso de armas.

P: E no lugar a onde você morava tinha conflitos?

L: O conflito assim, o conflito que a gente tinha lá, ai é... com a polícia era natural, sempre se via assim em decorrência né, perseguição, troca de tiro, essas coisas. Mas o conflito que a gente tinha lá era mais entre assim, naquela época não existia ainda que nem hoje algumas regras que tem pelo comando, primeiro comando da capital, era terra sem lei. Meu irmão me fala que era época de franco atirador, quem podia mais chorava menos. Então o que acontece, nessa época, os conflitos que a gente tinha, meu irmão também nessa época ele já tava meio que desandado, o Marcos, ele roubava puteiro, ele roubava moto, sabe? Nessa época também eu já tava começando roubar carro. Eu comecei um pouquinho... ele começou primeiro, eu comecei traficando, mas o Marco, quando ele começou a se envolver ele começou já roubando. Então ele começava a roubar puteiro, entrava nos puteiro, roubava todo mundo, roubava moto, e numa dessas situações que.. quando a gente saiu daqui, por causa da... daquela situação que ocorreu com o meu pai aqui, uma caguetagem, a gente foi pra Catarina pra tipo, mudar mesmo de vida né *mano*, então minha mãe tirou a gente das escolas municipais e estaduais daqui da região e colocou a gente numa escola particular no Adventista uma escola muito boa. Estudei lá desde a terceira série até a oitava, meu irmão também estudou desde a primeira série lá. Então quando a gente foi morar na Catarina as pessoas olhava a gente assim, e não sabia da nossa origem então via a gente como playboy e falava *aqueles neguinho lá mó playboy e pá e tal*. E eu pegava o carro do meu pai e saia, davas umas voltas no quarteirão, então ai despertava um certo tipo de inveja, então os conflito que a gente tinha era com os morador local que não conhecia a gente e tipo tinha um certo dificuldade de respeitar. E o que aconteceu, uma vez o Marcos saiu pra... saiu com os parceiros dele e roubou uma moto e deixou na rua da minha casa pra ver se não tinha alarme ou rastreador. Nesse assalto ai, nessa moto que ficou parado os moleques viu que era do meu irmão, que meu irmão que tinha deixado lá e ai foram lá e pegaram a moto e sumiram com a moto. Nisso que sumiram com a moto, o Marcos desceu e falou *mano, cadê a moto, deixei um bode ali cade? Não tá pá e tal*. Passou dois dias as peças que o Marcos pegou da moto apareceu montada na moto de outro cara, ele falou *meu, mas porra meu essa moto*

ai, essas peças ai é da moto que eu peguei mano ceis ta me tomando aqui na quebrada e tá né neguinho que não sei o que, ta te tomando aqui, você tem que ser tomado mesmo que você é boy que não sei o que então surgiu um certo conflito ali nessa situação a onde que né é... meu irmão veio a se sentir desrespeitado né mano. Então ai ficou aquela intriga diz que me disse, diz que me disse, aonde que em dois mil e... em noventa e nove, não em dois mil é.... o Marcos pegou e veio, ele e meu primo faleceu nesse episódio ai o Paulo, veio a cometer praticamente uma chacina ali na Vila Santa Catarina né mano, foram três homicídios e duas tentativas qual ele foi preso, respondeu. Eu nessa época, nessa época já tava preso por um roubo de carro, me encontrava num DACAR III (Cadeiões) foi uma fase muito difícil que meu pai e minha mãe passaram ali devido essa situação sabe? Foi bem tenso, bem tenso mesmo, o Marcos foi preso, teve uma certa, já tinha uma certa perseguição pensa como que agravou essa situação né, entendeu? Mas enfim, então ai já começa ai um cenário ali nessa época foi bem tenso, então quando eu saí da primeira, na primeira saidinha, com toda essa situação, ai todo mundo tinha muita ciência do que tava acontecendo porque até então em 2000 eu ainda tava no DACAR III aqui na capital ainda tinha acesso a telefone a gente poderia entrar em contato, ai sabia que tava pô meu pai tava andando armado pra cima e pra baixo sabe? Os caras fica cercando fica falando que não tá legal, não tá contente, que quer pegar sabe? Que não Não tava certo e tal. Mas enfim, tipo né *mano*, ficou toda aquela tensão ali pro lado de quem atirou de quem apertou o gatilho né, que no caso era meu irmão. Então ficou uma situação bem tensa durante uns anos. Ai só depois, na minha primeira saidinha que eu fui pro Fundão que né eu comecei a ter acesso de novo a comunicação que eu, sabe? A gente foi trocando uma ideias, foi aprofundando os fatos, e aí foi vendo que né, sabe? Foi isso, ele sofreu uma ameaça, sofreu uma afronta sabe? Hoje assim a gente para, tem vários amigos meus amigos dessas pessoas que era, era todo mundo muito próximo ali né, dessas vítimas na época e falou assim *eu conversei com seu irmão eu perguntei hoje em dia se ele se arrepende, nossa não podia ouvir coisa melhor, neguinho até chorou* sabe? Então quer dizer, situações que né, eu tenho certeza que se eu tivesse na rua porque tipo assim sempre foi dois lado o Luis é o camarada o Beré, tipo os caras fala que eu sou o Beré e o Marcos é o Zé Pequeno, que o Marcos ele é emburrado você

sabe, então ele fica sabe? As brisa dele é terrível, é sinistra. Eu sou aquele cara da galera, eu vou pras festas, faço, aconteço, e ai todo mundo fala se eu tivesse na época e intermediado essa situação, não teria acontecido. Mas porém né foi dessa forma e foi anos bem difícil pra superar. Minha mãe ficou bem traumatizada, pensou em até sair dali, a gente ficou firme falou *não se a gente sai daqui ai que sim, que vai sabe, vão acabar pixar nossa casa, a gente vai ficar aqui, vai encarar, vai né resolver de frente*, e foi o que aconteceu, passou os anos as pessoas foram entendendo, o Marcos foi buscando os perdões que ele tinha que buscar, porque querendo ou não a mulher que ele é casado hoje em dia mora na rua do ocorrido, entendeu? Então as pessoas querendo, é pai, é irmão que tem que passar por ele, olhar pra cara dele, sabe? Entender uma situação né, extremamente complicada. E foi uma fase que ainda gerou muito né, foi uma bola de neve, gerou muito caldo pra sopa mas foi superada graças a Deus, foi superada, uma transição assim... ai nessa parte já era uma transição da nossa adolescência pra fase adulta, que eu já estava com 17 pra 18 anos. 18 anos foi a minha primeira é... foi a primeira vez que eu ingressei no sistema penitenciário.

US 8 - Violência policial naturalizada “o conflito que a gente tinha lá, ai é... com a polícia era natural, sempre se via assim em decorrência né, perseguição, troca de tiro, essas coisas.” Mas relata diminuição a partir da organização realizada pelo comando: “naquela época não existia ainda que nem hoje algumas regras que tem pelo comando, primeiro comando da capital, era terra sem lei”. Houve uma organização do mundo das drogas pelo comando, nesse sentido a violência diminuiu. Aos 18 anos ele foi para a penitenciária

P: E qual foi o motivo da prisão?

L: Por assalto de carro, por roubar carro. Tava roubando carro, já tinha parado de mexer com droga, já falava que meu negócio era meter a peça na cintura, ir pras pistas e aquela época era assim, se você quisesse curtir a semana inteira, se quisesse ter roupa boa e tá sempre, status né, no auge, na moda tinha que fazer por onde, pai e mãe não dava nada, emprego era difícil pra *caralho*, assim ingressar no

primeiro emprego. E ai foi nesse embalo ai nesse ritmo, nesse oba oba que a gente foi se descambando por essa vida. Em 2001 tava lá ainda, fui preso na Santa cruz no assalto de um Omega na época, Omega 2000. Não fui reconhecido pela vítima, assinei um 180, mas no fórum ela me reconheceu aonde que na portaria se tornou 157, ai fui condenado 5 anos e 4 meses. Passei pela 16º DACAR III de Pinheiros, penitenciária de Casa Branca. Um período de 3 anos e 6 meses nessa minha primeira passagem.

US 9 - Foi preso por roubo de carro, tinha parado de mexer com drogas. Emprego era difícil para *caralho* os pais não davam nada prá gente e para ter as coisas a gente roubava. Rouba para ter as coisas, inserção no mundo social – roubo.

P: Como foi esses 3 anos lá?

L: Assim, cadeia naquela época era bem violenta né? Bem violenta, bem diferente do que é hoje, todo dia cê assiste, ligava televisão tinha rebelião num canto, rebelião no outro, fumaça no colchão, preso esfaqueado a gente via todo dia, sabe? Nas DPs mais tranquilo, mas no DACAR III onde eu passei assim, eu graças a Deus tive uma convivência tranquila, mas vi bastante derramamento de sangue nessa época, era um verdadeiro açougueiro.

US 10 - Na prisão o clima era de violência, rebelião, queima dos colchões, preso esfaqueado todos os dias. Nas DPs convivência mais tranquila.

P: Mas como é que começava essas confusões lá dentro?

L: Era muito por droga, nessa época ai o crack, hoje em dia não mais, mas nessa época o crack ainda é.. transitava pelo sistema penitenciário inteiro, e assim como na rua na cadeia não é diferente, os caras faz até dá nó em pingo d'água pra não falar outras coisas pra poder né, manter ali o seu vício né, e não mantendo a palavra

né, no automático vem uma cobrança. Nessa época ainda que, eles falam que é época dá.... época da bandeira abaixada, que agora a bandeira tá levantada, é época de derramamento de sangue tenebroso, então escreveu não leu o pau comeu e os caras pagava com a vida *memo*. A gente acompanhava tudo aquilo ali né, tentando parecer normal né, cê com 18 anos chegando na penitenciária já pegando, vendo várias situações né.

US 11 - A confusão na prisão acontecia por conta das drogas, na época era o Crack. “Os caras fazem de tudo para manter o vício.”

P: Você sabe dizer o que você sentia?

L: Assim é... é um misto de sentimentos né, porque é uma coisa que você não quer vê, por mais que cê vê ali o ser humano errando de várias as formas é uma coisa que cê num quer ver, mas infelizmente né no ambiente aonde você se encontra a lei do homem é a que faz o fio da espada né, então infelizmente era uma coisa assim que cê não queria vê né, mas infelizmente você tava ali carregando, você carregou, eu carrego aquilo pra minha vida né, você presencia, eu vi cara perdendo cabeça, coração, os caras jogando bola, colocando cabeça dentro da barriga, sabe? Cara incorporado *arh eu sou exu capetinha* e tomando facadas e facadas e facadas e você vê o cara não cai, e você fala *meu deus do céu que que isso*. Então aquilo ali é uma coisa que você não vai esquecer mais, é um cenário que você não vai esquecer mais, mas graças a Deus até com né, assim acho que, a evolução atinge todos os ambientes né, então chegou até dentro do sistema penitenciário que em 2005 foi abolido qualquer faca dentro do sistema e qualquer tipo de cobrança, se não pode ter derramamento de sangue, se o cara tiver que morrer ele morre enforcado, ou ele se mata ou ele toma umas doses exagerada de cocaína mas tipo, estocada de faca, derramamento de sangue hoje em dia dentro do sistema você não vê mais né. As cobranças mudaram até nesse sentido.

US 12 - Vivência de violência no presídio marcada na memória: *“Então aqui ali é uma coisa que você não vai esquecer mais, é um cenário que você não vai esquecer mais.”* Mudança de regra no sistema diminui violência, violência agora só autoinfligida.

P: E quem fazia esse controle lá dentro? A polícia ou os próprios detentos?

L: Não, nessa época a polícia, eles te preveniam. *Se você tiver problema ladrão já fala, não entra, o prédio é violento, tá morrendo três por dia, entendeu?* Eles não tinham muito o que fazer, eles tinham como precaver, se você tivesse algum tipo de situação que poderia é.. dá cabo da sua vida era pra você se preservar né. Mas ter algum tipo de controle em relação a isso daí não, a polícia não. O que eu... creio eu que foi a inteligência do crime mesmo se organizando sabe? Até mesmo porque ... mudou né bastante assim, não a polícia que eu falo assim no âmbito do presídio, mas assim a... legislação né. Você hoje em dia, aquela época se você né, assassinasse um cara dentro da cadeia poderia não dá nada pra você, hoje em dia não, hoje em dia cada... caia, caia tres quatro cara um só assumia, hoje em dia não, pra cada um que cai um vai ter que se responsabilizar entendeu? E o que... dentro do sistema o que a gente pre...é... o que preza é a liberdade, é a liberdade. Então você não quer, cê se você quer sua liberdade você não quer ver o próximo ali que tá na busca da liberdade dele se atrasando entendeu? Com o próprio companheiro de cela. Então você vai procurar um diálogo, uma solução plausível pra... entre as duas partes. Porque não tinha é... era difícil cê vê um diálogo. Se você tinha alguma diferença você pegava uma faca e chamava o seu adversário, descia pro meio da quadra e só saia um vivo, hoje em dia não, hoje em dia não tem mais isso. E assim, a inteligência do crime foi tendo que se adaptar porque a... as legislação mudando tava é... carregando, carregando os caras de cadeia, tendeu? Então os caras tavam se assumindo, se afundando em B.O., se enterrando vivo sem perspectiva de liberdade que era o foco principal da nossa luta né, que era em busca sempre de liberdade. Então isso ai foi mudando, mas que inclusive por causa disso né.

US 13 - Mudança na legislação e organização foi importante para diminuir a violência “mudou né bastante assim, não a polícia que eu falo assim no âmbito do presídio, mas assim a... mas assim a... legislação. Punição rearticula sentido no presídio caia, caia tres quatro cara um só assumia, hoje em dia não, pra cada um que cai um vai ter que se responsabilizar entendeu? E o que... dentro do sistema o que a gente pre...é... o que preza é a liberdade, é a liberdade.[...] Então você vai procurar um diálogo”. Foco é a liberdade

P: Você presenciou lá dentro toda essa organização que foi se dando dentro dos presídios?

L: Sim, eu to com 38 anos, posso te dizer que uns 9, 10 eu passei dentro do sistema penitenciário entre indas e vindas e assim, eu acompanhei bem essa evolução, esse desenvolvimento, esse crescimento da organização. Sim, dentro do sistema, tanto dentro como fora também tendeu? Os caras... é... a corrupção em si no geral faz com que deixe várias brechas pra poder atuar e se aprimorar, tanto dentro do sistema quanto fora. Ai eu peguei em 2000.... 2004 eu vim de liberdade de Casa Branca. Ai nessa época, eu fui trabalhar no Cingapura lá na Ricardo Jafet, e ai que eu vi realmente assim, né aquele, o outro lado do tráfico né, o... assim, nas ruas né porque eu conheci uma parte dentro do sistema logo com 18 anos mas eu vi mesmo assim nas ruas lá no Cingapura o que o ser humano é capaz assim por causa de uma pedra de crack né, as filas que.. eu tinha que conta as vezes, trocar plantão, fazer fechamento do dia pra noite. Naquele período ali a gente demorava vai, até fazer a contagem de toda a mercadoria, bate as contas fazer pagamento de campana, de pacote e tudo demorava uns 30, 40 minutos e nesse período o que fazia de fila assim, cê falava *meu deus como isso aqui é assim mano*, sabe? E microondas, televisão, até carro mesmo sabe? Te dando de tudo cê falava *mew!* É...uma violência enrustida né, que gera várias coisa. Ai eu fiquei meio assim sabe? Fiquei meio desgostoso de trabalhar com tráfico de drogas, ai voltei a roubar de novo, comecei a roubar igual um louco nessa época, fiquei um bom tempo. Foi uma

fase tranquila essa fase ai, Eu montei um barzinho lá em São Judas, fiquei um bom tempo lá, casei com uma *mina*, tive um filho.

US 14 - Violência contra si mesmo com o uso de drogas ruas no Cingapura “o que o ser humano é capaz assim por causa de uma pedra de crack né, É...uma violência enrustida né, que gera várias coisa.”. Experiência de violência marcada, estimulando a volta aos assaltos, pois prefere roubar ao vender drogas: “Ai eu fiquei meio assim sabe? Fiquei meio desgostoso de trabalhar com tráfico de drogas, ai voltei a roubar de novo”

P: Você diz que ficou desgostoso com o tráfico é isso? Como era esse sentimento?

L: Ah eu assim, é que nem eu falo assim, eu tenho parentes que usa crack né *mano*, eu tenho tios que usa crack, então cê vê assim é... quando entra dentro da sua família você olha pra aquele cara e fala *porra mano, que eu não queria que meu tio fosse, não tivesse nessa situação* ai você começa a não querer ver aquelas pessoas naquela situação também, mas é difícil porque a fila só aumenta. Ai cê fica *mano*, se fala *mew*, cê num quer ganhar sua vida, seu dinheiro em cima daquela desgraça, *tendeu?* Cê prefere qualquer outra coisa mas aquela ali pra você já não serve entendeu? Então, que o mundo do crime, da violência é praticamente isso, você fatura em cima de uma desgraça alheia, de uma violência alheia então se fala que, *ah aquela ali eu já defini pra mim que eu não quero* e voltei a assaltar de novo e falava assim *ah se eu for tirar eu vou tirar de quem tem eu vou roubar quem tem, não vou ficar explorando esse monte de miserável aqui por causa de pedra de crack.* Então foi isso ai que né, me afastou um pouco desse lado ai nessa época.

US 15 - Vivências do uso marcada na família: “*eu tenho parentes que usa crack né mano, eu tenho tios que usa crack, então cê vê assim é... quando entra dentro da sua família você olha pra aquele cara e fala porra mano, que eu não queria que meu tio fosse, não tivesse nessa situação ai você começa a não querer ver aquelas*

*peçoas naquela situação também.” Limite, cê num quer ganhar sua vida, seu dinheiro em cima daquela desgraça, *tendeu?* Cê prefere qualquer outra coisa mas aquela ali pra você já não serve entendeu?*

P: Entendi, e ai você voltou com o roubo de carro?

L: Não, ai eu já tava roubando saidinha de banco, roubando residência é... já tava roubando carga, já tava já com uma outra estrutura, tava com uma outra estrutura. E ai foi uma fase que eu vivi tranquilo, foi 8 anos que eu vivi assim, é... estável né em cima dessas caminhada. Também que é... foi aprendizado também desse período, dessa primeira fase que eu passei na cadeia né? As amizades que eu fiz nesse período tudo, conhecimento, ai você vai abrindo um leque de opções, *tendeu?* Quando eu saí que nem eu falei pra você que fui trabalhar no Cingapura foi um da... das primeiras opções do leque que eu tinha. Fiquei um tempo ali, me deparei com essa situação aonde que eu não quis mais e né, comecei abrir meus contatos, minhas ramificações pra outro lado. Ai comecei, montei uma quadrilha, *montamo* uma quadrilha de saidinha de banco, ai tinha dia que os caras não queria ir, ai eu ia roubar residência com os caras, tinha vezes que não tinha ninguém pra ir, descia pro Vietnã tava todo mundo armado lá, só precisando de um cara pra dirigir porque os caras não saia da favela, não conhecia Itaim Bibi, não conhecia Brooklin, não conhecia São Caetano, as regiões que eu já conhecia então os caras me colocava pra dirigir e eu ia pilotando pros caras e ia sempre contando uma folha nesse período, mas... tudo que é bom acaba né. Voltei pra cadeia de novo.

US 16 - Possibilidades articuladas pelo espaço do presídio, cresce, tem mais conhecimento, reconhecimento, status, contatos: *“foi aprendizado também desse período, dessa primeira fase que eu passei na cadeia né? As amizades que eu fiz nesse período tudo, conhecimento, ai você vai abrindo um leque de opções, *tendeu?*”*

P: Você disse que havia aberto um bar antes disso não é?

L: Abri, tava com um bar lá em São Judas.

P: Mas não deu certo? Como você voltou pro crime?

L: Não, não foi, Não abri um bar né. O marido da minha ex esposa ele já tinha uma pastelaria, que no final ele, virou um buteco e aí pela idade avançada dele eu acabei ficando tomando conta pra ele ali durante um bom tempo ali, entendeu? O que também me desbaratinava das minhas outras atividades, entendeu? Então ali era como seu eu, ah foi ali, tava me dando um negocinho ou outro ali, era comerciante então fiquei um bom tempo ali. Nesse período, que foi mais ou menos uns 8 anos, eu tinha esses dois trabalhos ali. Ai até que em 2009 eu fui preso de novo, foi rápido nessa época, ai eu sai.

US 17 - Trabalho no bar era “hobbie” para relaxar das outras atividades: *“O que também me desbaratinava das minhas outras atividades, entendeu?”*

P: Como foi essa prisão?

L: Foi.. fui preso em flagrante, era... .. 2009, foi flagrante foi 289 o artigo. Foram 15 mil reais em nota de 50 que a gente tava na porta de uma balada que a gente ia fazer uma entrega ai os moleques inventou de entrar na balada e pegou e quis gastar desse dinheiro, só que tinha aquela maquininha que passava e os caras até começou a monitorar, na hora de sair os cara pegou, o segurança grudou, chamou a polícia deu um pau nos moleques e a gente tava ali no apontamento porque tinha que fazer a entrega dessas notas o que aconteceu, já cercou todo mundo acabei parando na delegacia. Fiquei 11 meses presos fui absolvido desse B.O. eu ganhei, e... vim embora pra rua. Dessa vez eu tinha ido pro CDP de Guarulhos, não fui pra 23º DP em Pinheiros, depois eu fui pro.... Cadeião de Pinheiros I, II e depois fui pra Guarulhos, é.

P: E como foi a experiência lá dentro?

L: Então essa época ai, já era outra época, mais pacificado então mais tranquilo. Depois da primeira vez depois assim, todas essas minhas passagens foi sempre o mais tranquilo. Eu sempre fui um cara bem mais tranquilo, sempre fui de fazer amizade, sempre dialoguei bem, então nunca tive muita dificuldade dentro do sistema. Essa época ai também já foi uma fase mais tranquila, já tava tudo mais em paz. Tinha os atrito normal dentro do sistema mas era coisa do dia-a-dia mesmo tensão do dia-a-dia, um monte de caboclo junto, às vezes falta cigarro, falta maconha, falta isso, gera um estresse, tensão, perreco, mas é faz parte do cotidiano, nada de derramamento de sangue. 2010, ai 2010 eu conheci a Rosana né *mano*, 2010 ai ja tava numa fase mais tranquila. Já tava vindo de uma trajetória já passando por poucas e boas. Eu tava mais tranquilo essa época ai, o que acontece. Eu tava trabalhando com roupa feminina, eu tinha duas lojinhas... dois box em shoppinhos populares ali na região da Praça da Árvore e São Judas. E... tava acabando de me separar da minha ex mulher que é a do chinês do bar, mãe do Felipe e ai conheci a Rosana e ela me ajudou bastante, ela me ajuda até hoje, ela me deu duas filhas. Passamos por uma fase difícil também quando essas meninas nasceu, porque ela me ajudava na loja ai ela engravidou da Fernanda ai... a gente parou de trabalhar, ela parou de trabalhar no *trampo* dela e foi me ajudar na loja. Engravidou da Fernanda só que ai o cara do shoppinho lá, era um turco tava com os negócios lá no shopping tudo irregular a prefeitura foi colocou um monte de bloco lá na porta do shopping, teve que fechar a loja, foi *mó* luta pra tirar as nossas coisa de lá de dentro. E pega nota fiscal e prova daqui, prova dali, ai foi barra. A gente pegou e veio morar aqui de novo porque nessa época a gente morava lá na Vila Santa Catarina né, ai alugamos uma casinha aqui na Caixa d'Água e viemos morar aqui de novo só que daquele jeito, sem trampo sem nada Luis voltou pras pistas de novo. Pulamos na moto, bora pra porta do banco todo dia 9 horas banco abrindo *nois* já tava lá.

US 18 - Atritos era por ociosidade: *“atrito normal dentro do sistema mas era coisa do dia-a-dia mesmo tensão do dia-a-dia, um monte de caboclo junto, às vezes falta cigarro, falta maconha, falta isso, gera um estresse, tensão, perreco, mas é faz parte*

do cotidiano”. Segunda experiência de empreendedor: *“tinha duas lojinhas... dois box em shoppinhos populares ali na região da Praça da Árvore e São Judas.”*. Mas não deu certo, dificuldades motivou a volta no crime: *“sem trampo sem nada Luis voltou pras pistas de novo. Pulamos na moto, bora pra porta do banco todo dia 9 horas banco abrindo nois já tava lá.”*

P: Você abriu esse box quando saiu do presídio?

L: Não, em 2009 o que que acontece, eu sai da cadeia ai né, com aquele propósito, vou mudar, vou mudar, vou estudar, vou procurar outros parâmetros, ai, isso ai foi em 2009. Ai eu comecei a estudar, fazer Processos Gerenciais lá na Uniradial, lá em São Judas, cursinho de 2 anos, ai comecei tal, empreendedorismo daqui e pá e tal, e comecei a ter uma noção assim né, *então tá bom, já que cê já tá estudando, tamo com uma noção, vamo né, colocar em prática, vai trabalhar com que, ah to pensando em trabalhar com roupa feminina mulher gasta pra caramba né e tal, porra todo final de semana, toda semana tem que ter uma calça nova, vou investir nisso ai comecei a trabalhar, ai na época a Sabrina fazia o programa dela, fazia propaganda da Sawary, Ri19, falei é isso ai que eu vou investir. Fui lá no Brás comprei um monte de calça da Sawary, da Ri19, trouxe uns totens da Sabrina, ai fui lá no Nissin lá, Nissin era o nome do turco, ai aluguei um box lá em São Judas lá, pequenininho assim, era varios box pequenininho assim, pique do japonês sabe? Lá no do... da 25, 500 real, comprei arara, manequim, *bostório*, cabide, e montamos lá pequenininho bonitinho mas era cheinho, tinha de tudo um pouco. E começamos a trabalhar. Ficamos até 2012 com essas lojinhas, ai foi uma fase bem tranquila também. Mas foi logo depois que eu sai com esse intuito de mudar, fui comecei a estudar, fazer faculdade, ai meu pai até falou *não, agora pow, tá estudando, tá legal, então vou te dar um apoio*. Ai com o incentivo dele e da minha mãe e tal, a gente começou a montar essa loja ai e eu fui pra luta, entendeu? Mas ai, aconteceu isso ai, tudo irregular lá no shoppinho, ai tentei também, ai eu saí de lá e fui pra outra loja, abri em outro lugar, tudo certinho, só que lá o aluguel lá já não era mais 700 reais igual era no Nissin, já era 2 pau e 500, ai já não tava mais fechando a conta, ai fiquei*

mais um ano lá, a Ivone também, a japonesa dona do shopping lá, japonesa muito gente boa, deixou a gente ficar mais um período falava *não, eu sei que tá difícil pra todo mundo, tá todo mundo lojista, tudo entregando as lojas, vou deixar você ficando ai*, ai ficamos mais uns 3 meses, mas também não quis abusar da boa vontade dela. Recolhemos nossas coisa e fechamos. Tentei, ai peguei, fui pra rua, joguei as roupas tudo dentro do carro, fui passar em porta de empresa, de firma de mulher, tinha uma firma que tinha costureira, perfumaria assim, encostava lá, abria o porta mala e vendia bastante também. Bolsa, calça, blusinha e sempre fui pra luta, sempre me virando assim, mas assim, sempre na mesma forma que a gente sempre buscou trabalhar ali e... e conquistar ali as coisas no suor ali na raça, sempre torneando ali pelo mundo do crime pelo mundo né, pelo lado B vamos dizer assim. Agora graças a Deus eu to mais tranquilo novamente, agora em maio vai fazer 1 ano que eu saí novamente ai, num assalto de carga dos correio, fui condenado 12 anos, fiquei 4 anos tô devendo mais um monte ai até 2022,23 se eu não me engano. Agora to mais tranquilo, nessa nova fase ai junto da Rosana *guerreirona* que me ajudou também nesses 4 anos. Foi pro Fundão comigo. Lá a gente.... dentro do sistema a gente viu uma precariedade, uma escassez do preso ali, do rei do cano tá se alimentando, mas a gente teve uma ideia de, ela quando foi morar lá abriu um... uma cozinha, um restaurante né, a onde que a gente tinha, como a gente tava lá toda semana, a gente tinha a possibilidade ali daqueles que quisessem né, comer alguma coisa diferente, uma alimentação diferenciada a gente ia poder tá levando ali nos finais de semana, e ali surgiu um negócio né. Aonde que dentro desses 4 anos ai em cima dessa ideia a gente conseguiu se manter no fundão, criando essas duas meninas. Voltamos com essa ideia meio que acesa em mente né, *montamo* essa barraca ai na calçada e tamo ai até hoje, trabalhando ai, lutando ai um dia após o outro graças a Deus tá dando certo, tem dado certo ai.

US 19 - Passagem pelo sistema motiva mudanças: *“eu sai da cadeia ai né, com aquele propósito, vou mudar, vou mudar, vou estudar, vou procurar outros parâmetros, ai, isso ai foi em 2009. Ai eu comecei a estudar, fazer Processos Gerenciais Negócio”*. Intercorrência do presídio abriu outra possibilidade: *“dentro do sistema a gente viu uma precariedade, uma escassez do preso ali, do rei do cano tá*

se alimentando, mas a gente teve uma ideia de, ela quando foi morar lá abriu um... uma cozinha, um restaurante né, a onde que a gente tinha, como a gente tava lá toda semana gente tinha a possibilidade ali daqueles que quisessem né, comer alguma coisa diferente". Tal experiência motivou negócio atual: "Voltamos com essa ideia meio que acesa em mente né, montamo essa barraca ai na calçada e tamo ai até hoje, trabalhando ai"

P: Como foi essa última prisão?

L: Eu fechei a loja, os box né. Ai a Rosana já tava grávida da Amanda de novo, eu tava morando na casa dos meus pais e tava uma situação não tão confortável, já o segundo filho e tal. Peguei e saí fora de lá, aluguei uma casa aqui e a gente foi, e falei *vamo né, viver nossa vida, vamos dá um rumo aqui pra nossa vida* aonde que ficou difícil né, pagar aluguel, não é fácil né. Ai eu peguei e falei *porra Rosana, e agora?* A gente já tinha... minha vó já tinha dado esse terreno pra gente, ai que o que aconteceu, eu peguei e voltei a roubar de novo, voltei pra porta do banco de novo, em 2013, isso daí em 2013 eu saí, fechei a loja em 2012, de 2009 a 2012 ficamos no box, em 2013 eu vim morar aqui na Caixa d'Água, ai ficou difícil de novo, ai comecei a voltar pra porta do banco, roubando, roubando eu consegui arrumar um dinheiro, ai viemos e construímos aqui. Na hora que eu tava pra levantar o segundo andar, uma saidinha, *catamo* 50 mil. Os polícia veio na bota. Perdemos carro, perdemos 4 pistola, perdemos todo o dinheiro ainda ficamos devendo. Ai que acontece *porra*, quando acontece esse tipo de situação a quadrilha fica meio estremecida *então porra mano, eu pus meu carro, eu pus a arma nossa! Porra demos todo o dinheiro, porra mas quem que vacilou foi você* então ficou um clima meio estranho, ai a gente pegou e ficamos cada um no seu canto. Só que ai, o que acontece como os policia pôs a mão em nois, levou o dinheiro mas tirou foto nossa, ficou com nosso portuário, ai ficou batendo na porta da casa da minha mãe, na casa da minha vó querendo dinheiro, cada vez passavam lá querendo 5 querendo 10, então ai eu fiquei um tempinho assim, meio que estacionado, e ai terminando essa obra aqui de dois comodo aqui, ai parei de pagar aluguel lá em cima desci pra cá. Só

que ai o que acontece, tava no prejuízo, tinha perdido uma grana, *porra*, polícia na bota, voltei pras pistas de novo. Ai foi aonde que em 2014, depois da copa do mundo, acho que foi no dia da eleição, os caras me ligou surgiu essa carga ai do correios saindo ai do Fedex ai que era só barato importado falei demorou. Saímos sábado de manhã, fomos lá, tomamos tudo, guardamos, deixamos na casa do meu primo, na hora que nois voltou lá pra recolher tirar das caixas, ver as mercadorias, o que tinha o que não tinha, a vizinha abriu a janela ligou pra polícia, falou que tava com atitude suspeita, apareceu polícia lá. Nem o cara do correios tinha ligado a mulher já tinha falado pra policia, veio e prendeu a gente tudo em flagrante. E foi mais 4 anos, 4 anos, condenado 12 anos mais 4 anos.

US 20 - Dificuldades motivaram a volta pro crime *“ficou difícil de novo, ai comecei a voltar pra porta do banco, roubando, roubando eu consegui arrumar um dinheiro, ai viemos e construímos aqui.”* Foi pego e chantageado pela polícia, para pagar sua dívida realiza outra assalto mas é preso em flagrante.

P: E como foi essa última passagem?

L: Essa última vez, foi assim uma fase né, cadeia pacificada, tudo tranquilo, então, foi uma série de experiências já vivida né, então foi uma fase de colocar as ideias no lugar né, então foi o que ocorreu, o que eu te falei essa pegada, essa nova visão ai dá gente tá né, trabalhando pra gente mesmo, empreendendo novamente né. Então ai apostei ai na culinária da Rosana que tava lá comigo nessa empreitada sabe? Foi uma fase assim... todas as passagem minha foi tranquilo mas essa foi mais tranquilo devido a estrutura, a tranquilidade que a Rosana me trazia pra mim ali, entendeu? Na questão de... sabe? Minhas filhas sempre por perto sabe? Isso dai traz.... tipo até mesmo pra você, que nem quando você tá, assim tem várias propostas pra você entrar pra dentro do crime organizado, fazer parte da facção, é a onde que você se..... é... como eu posso te dizer... pensa duas vezes né, antes de você fazer qualquer tipo de atitude, situação nesse âmbito, porque você sabe que não já é o que você quer pra você e sabe que não é o quer, que sua família quer pra você

também. Então ai, foi uma fase que, o acompanhamento dela, ter ela por perto fez com que eu me esquivasse de várias situações também, inclusive de eu tá dentro de uma organização criminosa hoje, entendeu? Porque fica muito fácil ali, dentro de uma prisão no Fundão, a 12 horas de viagem daqui, sem contato praticamente nenhum com família a não ser por carta que demora 7, 15 dias pra chegar aqui mais 15 pra voltar pra lá, um retorno. Então você fica meio, um monte de preso fica meio, fica abandonado lá, entendeu? Fica vulnerável a esse tipo de situação aonde que quando você tem um pessoa do lado você já fala *não, porra, eu to tendo ali um acompanhamento sabe? Não to sozinho, não to ai jogado sabe?* Que nem você vê os cara falava que, *peessoal me abandonou, minha mulher me abandonou, to carregado de cadeia, tenho que tirar 30 anos, demoro irmão pode por meu nome ai,* entendeu? E já põe o nome na macumba e fica, né? Como eles falam, constitui uma nova família, eu já tinha minha família né, pra que eu precisar zelar, preservar e já tomava toda a minha atenção e eu não podia dar mais atenção pro crime organizado, pra facção que eles, né, requer realmente a sua atenção, sua dedicação como um soldado né. Então foi uma fase mais tranquila, eu... assim foi 4 anos assim... que só a saudade mesmo que me torturava, ai a aquela velha sensação de busca da liberdade que cê fala *meu deus, agora quando eu saí de novo, quando eu conquistar, vou valorizar essa bola azul, esse globo azul que tá aqui e nos cerca porque ver ele só através de tela é horrível sabe? Engaiolado.* Eu acho que essa daí, acho que é a maior violência que a gente mas é faz contra nós mesmo, contra a nossa família, de tá privado de se privar, que nem eu te falei de dormir e acordar do lado das pessoas que você ama né, essa ai pra mim é uma das pior violência que é, afeta diretamente a alma, você fala *puta que pariu, uma atitude e tal,* ai você vai colocando na balança os prós e os contras e você vê que muita coisa não valeu nada, muitas situações, muitas atitudes não valeram nada, sabe? No fundo uma grande perda de tempo onde você se violenta, violenta sua família, e é.... só o tempo mesmo pra recuperar, só o tempo. Mas são experiências que a gente vai vivendo que a gente vai aprendendo e é uma frase que eu.... sempre falava pros amigos meus, que nem eu vou te repetir era a violência né, e vou te repetir a violência é igual a alegria ela vem e vai né, a tristeza a violência e esses momentos é assim, eles vêm e vão e a gente tem que aprender a superar e seguir em frente

né, e fazer o máximo possível pra manter a estabilidade daquilo que te traz algum benefício, que te traz alegria, que te traz prazer, que é sabe? Estar debaixo dessa bola azul, conviver com a minha esposa, com as minhas filha, dormir acordar, ter a certeza que vamos estar juntos todos os dias, que não vai ser só de sábado e domingo, dia de visita. Essa ai é a maior alegria.

US 21 - Experiências com empreendedorismo permitiu expansão das possibilidades: *“foi uma série de experiências já vivida né, então foi uma fase de colocar as ideias no lugar né, então foi o que ocorreu, o que eu te falei essa pegada, essa nova visão ai dá gente tá né, trabalhando pra gente mesmo, empreendendo novamente né.”* Acolhimento familiar importante para processo passado na cadeia, dava um sentido. *“que nem quando você tá, assim tem várias propostas pra você entrar pra dentro do crime organizado, [...] pensa duas vezes né, antes de você fazer qualquer tipo de atitude, [...] não é o que quer sua família, quer pra você também.”* Abandono dos presos favorece o acolhimento de uma nova família, no caso a facção: *“os cara falava que, ‘pessoal me abandonou, minha mulher me abandonou, to carregado de cadeia, tenho que tirar 30 anos, demorou irmão pode por meu nome ai’, entendeu? E já põe o nome na macumba e fica, né? Como eles falam, constitui uma nova família.”* Sentido de liberdade para Luis é estar junto da família, considera uma violência contra si mesmo se privar dessa liberdade. *“afeta diretamente a alma”*.

P: Você sentia, sente culpa?

L: Sim né, eu costumo dizer que eu sou réu confesso em todas essas atitudes que são situações que a gente mesmo, eu mesmo busquei isso pra mim, eu mesmo me dispunha a levantar de manhã pra ir pra porta do banco e sabia que eu poderia nem voltar aquele dia, tendeu? Como a gente sabe que ocorreu várias vezes de sair em quatro volta dois, dois fica preso, um fica deitado, um tá no hospital, sabe? Tem uma série de amigos meus ai na época que eu assaltava residência, o Pedrinho mesmo ele tá com com 20 assalto a residência condenado a 64 anos, sabe? A esposa dele falou *porra o Pedro tava lembrando de você*, encontrou minha mãe no shoppinho

onde ela trabalha, e falou *pow eu vi o Rodrigo eu tinha 23 anos, agora pra mim ver ele de novo só daqui, quando eu tiver 33 anos, acho que eu vou demorar 10 anos pra ver o negão de novo*. Assim, é uma violência né, que nem eu falo um grande perda de tempo, que nem eu, cresce com uma pessoa, a gente tem o convívio ali e agora a gente tem que se projetar daqui 10 anos por causa de... né? Porque a gente mesmo se dispunha a levantar 5 horas da manhã, ficar na porta da residência dos outros pra poder entrar pra dentro. Então assim, eu sou réu confesso, eu sou réu confesso em tudo né a gente sim é culpado... sim... com certeza, de ter procurado cada momento desse. Então o que a gente aprende e como a gente vai superar essa culpa, buscando novos momentos né, como eu levantava 5 horas da manhã, eu vou levantar, vou correr, vou caminhar com a minha esposa, vou levar minhas filhas na escola que é maior prazer que ai você chega vai fazer lição, ai aquela expectativa, da 11 horas, você vai buscar de novo, sabe? E a gente começa a se dedicar mais a esses momentos né, e querer que eles se prolonguem né, pra... de repente suprir esse sentimento de culpa que a gente sempre, que foi que nem eu te falei, a gente mesmo se dispunha a esse tipo de situação, né.

US 22 - Culpa aparece na consciência dos próprios atos: “eu mesmo busquei isso pra mim”. Superação se dá através do sentido de liberdade, liberdade de estar com a família: “Então o que a gente aprende e como a gente vai superar essa culpa, buscando novos momentos né, como eu levantava 5 horas da manhã eu vou levantar, vou correr, vou caminhar com a minha esposa, vou levar minhas filhas na escola que é maior prazer. E a gente começa a se dedicar mais a esses momentos né, e querer que eles se prolonguem né, pra... de repente suprir esse sentimento de culpa.”

P: Como que era pra sua família, todas essas idas e vindas do presídio?

L: Ah pra dona Maria (mãe) assim, a gente fala que é uma maldição né, porque desde quando a gente ficou maior de idade é... poucos natais a gente tem em fotos de toda a nossa família reunida. Quando eu não tava preso era meu irmão, quando

meu irmão tava na rua eu tô preso, então assim, até os dias de hoje assim minha mãe ainda vivencia isso porque o Marcos né, por causa de uma besteira que não tava assinando foi recapturado, e tá lá de novo e tinha feito o que 5, 6 meses que eu tinha saído. A gente ia passar o natal de 2018 agora na rua, juntos aquela né, vamos bater aquela foto da família, mas infelizmente essa praga, essa maldição ainda paira ainda e... fez com a que a gente não passasse o natal junto, se separamos de novo. Mas o ano que vem, ele já tá próximo de vir embora, pouca coisa. Graças a deus o Marcos tá com outra mentalidade, outra consciência também. É um cara que nem eu te falei que se sente culpado também de tudo né, que.. sabe? Hoje em dia procura, se em um passado ai ele fez um mal, se algum tipo de mal saiu por parte das nossas mãos, hoje em dia se alguém.. acho que é... se der de um lado acho que vai virar o outro lado. Acho que dá nossa mão hoje em dia ninguém toma tira, ninguém mais é roubado, ninguém mais é assaltado. É um tipo de coisa que na nossa mão hoje em dia não vai partir mais. E se... e se vier na nossa reta... não vai ter, se depender de mim acho que do meu irmão também, acho que hoje em dia a gente não oferece mais nenhum tipo de risco pra ninguém nem pra sociedade.

US 23 - Arrependimento marcado pela falta da família. “Acho que dá nossa mão hoje em dia ninguém toma tiro, ninguém mais é roubado, ninguém mais é assaltado. É um tipo de coisa que na nossa mão hoje em dia não vai partir mais.”

P: E falando nessa sociedade, como foi pra você depois que você saiu? Que dificuldade você encontrava?

L: Sempre foi difícil né, porque.... é negro, ex-presidiário, vindo da periferia, mais tempo na cadeia do que na rua, cê não tem muita carga de experiência. a gente sempre foi na luta... sempre né, compramo é... compra bala aqui vende ali, sempre fomos assim meio que garimpeiro, meio que empreendedor ai ambulante né. Então sempre foi difícil, nunca foi fácil, quando não, montava numa moto, ia fazer umas entregas, sempre fazia o que aparecia, o que dava pra conciliar, entendeu? E em relação assim, e pra sociedade você tem que sempre demonstrar o melhor, se eu...

Quando eu fazia faculdade que eu tava na Uniradial, que eu tinha lá meu né, tava lá cursando meu nível superior e tal, tinha ali minha loja de roupa, a sociedade me via diferente, mas eu fazia diferente, eu fazia por onde fazer diferente. Porque se eu ficasse lá na porta da faculdade só e observando quem vem de carro, quem vem de moto pra mim poder ganhar meu sustento, fazer meu dinheiro eu ia ser visto diferente. Então assim é... a gente.... o preso sai e vai lá grilado com a sociedade, mas a gente tem que fazer a diferença também né, se incluir na sociedade, se ver como sociedade e eu hoje em dia é isso que eu procuro fazer. Vou aqui no meu ambiente social com os meus vizinhos, meus companheiros ai comerciante, todos aqueles meus amigos que vem ai, a gente procura mostrar a diferença se relacionar diferente, conversar diferente. Vim com novas propostas né.

US 24 - Preconceito dificulta as possibilidades de ser. Possibilidades restringidas fazendo com que você tenha que depender de si mesmo. “Sempre foi difícil né, porque... é negro, ex-presidiário, vindo da periferia, mais tempo na cadeia do que na rua, cê não tem muita carga de experiência. a gente sempre foi na luta... sempre né, compramo é... compra bala aqui vende ali, sempre fomos assim meio que garimpeiro, meio que empreendedor ai ambulante né?”. Mundo técnico sempre exige corpos que produzem. “[...] e pra sociedade você tem que sempre demonstrar o melhor, se eu... Quando eu fazia faculdade que eu tava na Uniradial, que eu tinha lá meu né, tava lá cursando meu nível superior e tal, tinha ali minha loja de roupa, a sociedade me via diferente.”

P: E como foi montar esse negócio aqui na sua calçada? Como surgiu isso?

L: Ah a barraca foi um.. é... assim foi um estalo, eu falo que foi uma brisa, foi uma brisa que veio e... peguei do nada, meti as caras. Porque assim, na onde eu tava... tipo assim é... a gente, eu já tive uma vivência dentro do comércio e lá aonde eu tava, nos lugares que eu passei assim... o comércio era muito ativo assim, era... a gente negocia do nada, do nada. A gente tá aqui, eu negocio esse copo de água com você, essa garrafa entendeu? Então sempre foi muito ativo aquele negócio. E

aquilo acendeu uma luz na minha... porque eu vi ali... a gente chama de radial, aonde passa a maioria dos fluxos de preso né, que transita pela cadeia. Então o cara pegava um lençol, ele esticava aquele lençol na radial ele colocava esse papel, esse copo, isso aqui e isso aqui e achava comprador pra tudo aquilo. Dentro de uma cadeia, dentro do sistema o cara conseguia negociar, porque eu na rua eu não ia conseguir? Então aquilo me deu aquele estalo, aquela brisa, eu vou abrir aqui vou fazer uma barraca aqui, igual os caras montava a barraca lá, e vou colocar o que eu tiver de opção aqui e vou pôr e... e vou trabalhar. Que nem porque, você vê assim o cara fala *pow, esse cara tem mó lábia, ele vende bem, caramba porque o cara vai roubar na rua com uma lábia dessa*. Então se consegue isso dentro do sistema, na rua você também consegue, você consegue arrumar cliente, você consegue arrumar amigos que só pela sua companhia ele vai lá vai comprar uma bala, compra um chiclete, compra um lanche seu, compra uma garrafa de água, compra um refrigerante, entendeu? E assim foi, surgiu... a gente colocou em prática e.... cada dia que passou, que vai passando a gente vai melhorando, vai aprimorando. E o que vai passando, vai tendo ideia novas, vai pesquisando o que povo quer, se tá calor a gente vende açaí, se tá frio a gente vende caldo verde, caldo de mocotó, e *tamo* na luta. A gente tá sobrevivendo, uma outra perspectiva, perto da família, tudo tranquilinho, se esquivando de problema, que problema tá em todo lugar mesmo se esquivando ele vem até você pra você poder desenrolar. E tá sendo uma fase boa, uma fase bem tranquila, uma fase de paz né? Bem simples, bem simples, humilde mas com bastante paz, com bastante tranquilidade.

US 25 - Trabalho autônomo, ser empreendedor, o comércio se fazia ativo no presídio, experiências lá dentro e outras passadas contribuíram para a ideia de abrir a barraca. “Dentro de uma cadeia, dentro do sistema o cara conseguia negociar, porque eu na rua eu não ia conseguir”. Paz e tranquilidade por poder estar perto de quem ama: “E tá sendo uma fase boa, uma fase bem tranquila, uma fase de paz né? Bem simples, bem simples, humilde mas com bastante paz, com bastante tranquilidade.”

P: E o que você acha que poderia mudar nas favelas pra que se conseguisse evitar a possibilidade do crime, da violência?

L: Ah oportunidade! Eu vejo assim que falta oportunidade, falta oportunidade. Porque as oportunidades surgindo elas muda a mentalidade da pessoa, muda a perspectiva de vida das pessoas. Que nem aqui mesmo aqui na favela agora, eu já fui dono dessa favela aqui, já trabalhei aqui na Vila das Pratas e... uma série de molecada que já foi meu funcionário aqui nessa favela, hoje em dia ninguém mais quer ficar no tráfico, ninguém mais bate no peito fala que é vapor de favela sabe? Igual era antes que você chegava na boca e se fala *não, os cara tá ali pá e tal*. Hoje em dia a molecadinha, eu falo pros moleques aqui todo dia, pra você ver o que a oportunidade não faz, esse... graças a tecnologia, esse sistema de aplicativo ai é.. a molecada não tá ficando mais, não quer ficar aqui na favela fumando maconha com pacote de droga, o cara pega a bicicletinha, pega a bag e vai lá pra vai lá pra Vila Olímpia, vai pro Brooklin, os caras vai lá 10 da manhã, volta 11 horas, todo dia, e os caras voltam contente porque surgiu uma oportunidade pra eles entendeu? Uma oportunidade sem burocracia, sem muito...sabe? Aquela coisa formal, sem muito preconceito, sem aquela coisa formal, tendeu? Ali no informal mesmo os caras tá com o telefone, baixa, assiste uma palestrinha, pega a bag, pedala ao ar livre ai com toda liberdade do mundo, faz seus trampinho, volta pra casa com seu sustento. Os cara sai de manhã ai volta pra casa com 100, 200, 300 reais em dia de chuva ai, em dia que o frete aumenta os caras sai tá com o sorriso aqui. Cara gerente de bocada que eu conheci no mundo do crime, esses dias eu fui na bica, na bica lá eu perguntei do amigo meu pros caras *que... João não é mais gerente nada, o cara quer ficar ganhando 1500 pra ficar segurando mó rojão aqui? João tá no uber, tá ganhando 7 mil, tá trabalhando 12 horas ai? Tá? Mais tá tranquilo, paga os baguio dele ai, tá tirando bem mais do que ficar na favela se queimando*. Então quer dizer, oportunidade. Se o cara, que nem aqui, tendo oportunidade ninguém fica na favela, tá todo mundo ai ó, pedalando por São Paulo a fora, fazendo as entregas, trabalhando ali, suando a camisa correndo atrás do seu, entendeu? E pra mim eu vejo a molecada aqui vei, que um dia tava no mesmo lado, e eles também me veem aqui na barraco todo dia assim, e isso é motivo de orgulho que eles também fala

*carai negão que daora, porra mano que sacada sua, ai se foi bem.. então me parabeniza sabe? Vê ali com nosso me esforço que nois tá todo dia ali faz as coisa direitinho faz as coisa bem feitas eles gostam e eu também gosto de ver eles ai o jeito que eles tão todo dia ai passando, não é um nem dois é um monte 5, 6 que hoje em dia, antigamente sabe? Vivia ai dando trabalho, arrumando mó perreco, só usando droga, só confusão, batendo no peito querendo... Porque se tá no meio da favela, pra você ter algum tipo de respeito cê tem que ser bravo, cê tem que ser pra frente, tem que ter um autoritarismo, e agora não *porra* os caras é respeitado da mesma forma, mas fazendo um trampo tranquilo, pela humildade, não pela arrogância, não pela prepotência entendeu? Então a oportunidade trouxe muitos benefícios pra molecada ai em si, em termos de humildade, em termos de ocupar a mente, em termos de renda, só benefício, em educação. Eles voltam lá conhecem pessoas diferente, né? Convive com pessoas de classe diferente né? Pessoa não sabe da onde... de que favela ele vem, mas ele tá lá no Itaim Bibi, subindo em apartamento de boy, fazendo as entregas dele, conversando com pessoas de níveis, de níveis sociais diferentes, sabe? Vendo o mundo de uma forma diferente, e com isso vai aprendendo, vai mudando os conceitos, ai se vê ai a favela fica vazia, ninguém mais quer segurar droga de ninguém, traficante fica ai procurando molecada pra trabalhar, se ele não arruma ele mesmo tem que ficar, tendeu? Porque a molecada tá buscando outras oportunidades. E assim a gente vai mudando o quadro, um quadro que você poderia ver um futuro violento, cê vê outras perspectivas né, você vê um futuro e fala *porra ali aquele moleque ali já tá agora buscando outros parâmetros, outras perspectivas de vida*. Ali você não vai ver um preso, ou a rota matando, ou sei lá de repente matando um inocente ai por causa de mixaria tendeu? Ou seja desgraçando a vida dele ou de alguém por causa de um motivo banal né. Ali você vê, carai o nenê memo eu falei *carai nenê, uma pedalada atrás da outra tá conquistando seu espaço* ele fala *é negão, não pode para a luta continua* e assim a gente vai dando força um pro outro, ele na bike dele eu na minha barraca, tendeu?*

US 26 - Oportunidades como abertura de possibilidade de ser. “[...] falta oportunidade. Porque as oportunidades surgindo elas muda a mentalidade da

peessoa, muda a perspectiva de vida das pessoas.” Possibilidade do crime é rearticulada com possibilidades de emprego: “[...] hoje em dia ninguém mais quer ficar no tráfico, ninguém mais bate no peito fala que é vapor de favela sabe? Igual era antes.” Comércio via aplicativo possibilitou empregos, pois é mais acessível e não tem preconceito na contratação: “Graças a tecnologia, esse sistema de aplicativo ai é.. a molecada não tá ficando mais, não quer ficar aqui na favela fumando maconha com pacote de droga, o cara pega a bicicletinha, pega a bag e vai lá pra vai lá pra Vila Olímpia, vai pro Brooklin, os caras vai lá 10 da manhã, volta 11 horas, todo dia, e os caras voltam contente porque surgiu uma oportunidade pra eles entendeu?” Mudanças no modo de ser a partir de contato com outras possibilidades, horizonte se abre ao se apropriar da cidade, sentidos e significados rearticulados: “Convive com pessoas de classe diferente né? Pessoa não sabe da onde... de que favela ele vem, mas ele tá lá no Itaim Bibi, subindo em apartamento de boy, fazendo as entregas dele, conversando com pessoas de níveis, de níveis sociais diferentes, sabe? Vendo o mundo de uma forma diferente, e com isso vai aprendendo, vai mudando os conceitos, ai se vê ai a favela fica vazia, ninguém mais quer segurar droga.”

P: Bom, acho que pra gente poder encerrar, você saberia me dizer quem é o Luís hoje, seus sonhos, seus planejamentos. Como você se vê hoje, em comparação a antigamente?

L: Então, o Luis hoje... como eu posso definir essa sua questão, Luis hoje é um cara simples, um cara simples, que busca viver a vida de uma forma simples. Eu assim, eu tenho certeza que... através da simplicidade de um dia após o outro é... eu vou conquistar muito mais do que eu busquei em 18 anos na vida do crime. Então hoje em dia eu vivo isso assim como uma regra assim, viver a vida um dia de cada vez e com muita simplicidade, entendeu? E tem dado certo, só tem me trazido benefícios. A gente procura levantar todo dia, fazer as tarefas diárias e dentro da simplicidade do dia o leque de opções aparece escolher uma opção boa e consegue sobreviver, né. Cé leva sua vida tranquila ali, você tira seu dia deita sua cabeça no travesseiro

sem nenhum tipo de receio, de preocupação, de neura, de cisma, sensação de perseguição, sabe? Então é o que eu falo, eu dormi e acordar com a mente sempre em paz sempre tranquila e sempre dentro da simplicidade. E sou um cara bem família, eu to bem mais família agora, já fui muito da noite, dá gandaia, já fiz muito pra manter esse estilo de vida. Hoje em dia sou mais família e mais simples. Essa ai é a definição onde que eu me encaixo ai, que eu me enquadro assim né.

US 27 - Sentido de ser está na simplicidade, na família: “[...] através da simplicidade de um dia após o outro é... eu vou conquistar muito mais do que eu busquei em 18 anos na vida do crime. [...] Hoje em dia sou mais família e mais simples. Essa ai é a definição onde que eu me encaixo ai, que eu me enquadro assim né.”

P: E você sente que é feliz hoje?

L: Sim, claro! Hoje cê.. no automático quando você consegue se desprender de uma série de coisas que você é.. cê acha que é necessário pra você mas aquilo ali só te causa uma tensão, uma pressão, quando você consegue se libertar disso daí você consegue ser feliz sim. Dentro de um contexto violento, dentro de uma periferia violenta onde que você vê ai várias situações, a gente consegue achar ai vários exemplos também de pessoas que né, que passaram por sérios tipos de violências, seja ela física, seja ela mental, seja ela ali, sei lá... vamos supor é... que nem eu falei pra você... quando você se propõe você está se violentando, violentando você mesmo quando você se propõe a assaltar alguém, a traficar, a fazer qualquer tipo de situação errada, quando você consegue se libertar disso daí você consegue encontrar a paz, uma paz permanente e uma felicidade real, que é o que é importante. Que às vezes você busca tipos de felicidade, mas você fala *porra mano* quando amanhece é.. quando amanhece ou tem que roubar de novo, ou tem que ir... tipo um circulo vicioso, sabe quando você não sai daquele círculo vicioso né, porque às vezes eu saia pra noite, eu roubava de manhã, roubava de tarde, saía de noite gastava 3 mil, 4 mil, 5 mil real e no outro dia tinha que roubar de novo porque não podia chegar em casa e às vezes não tinha um pão não tinha isso e eu *falava*

caramba como que pode isso? Então é tipo assim, é... são situações que você fala *porra mano, porra eu desgracei a vida de alguém porque eu tava no corre e o intuito era o que, fortalecer dentro de casa, mas no final o dinheiro nem chegou dentro de casa, ficou tudo no rolê*, e no outro dia você fica com aquela sensação.. é muito, te dá depressão isso daí. É aquela sensação que você fala *meu deus!* E aí com o tempo você vai se libertando disso daí é tudo um círculo vicioso, uma ilusão que você falava, né? Que tinha que se arrumar, aquele tênis, como se fosse uma armadura que cê colocava, aquele perfume e tudo e pegava a chave do seu carro e chegava lá e entrava naquele camarote, aquela sensação de poder, de status, aquela euforia toda, droga pra todo lado, mulher, e quando você chegava na sua realidade real você via que você não fez porra nenhuma, que você é um bosta que tudo que você se propôs a fazer não deu em nada. Você tenta manter um ilusão aparente naquele cenário, naquela realidade, mas na sua mesmo cê não conseguiu fazer nada. Aí quando você se desperta pra isso daí as coisas mudam, cê consegue... sei lá... a violência se afasta de você. Agora o próximo passo é tijolo e cimento, é investir em tijolo e cimento, levantar mais umas casinha aí, deixar uns aluguelzinho pra essas meninas receber, fazer uma faculdade também, investir no estudos dessas meninas aí. Próximo passo aí agora depois do dias das mães aí se Deus quiser já começo descarregar os tijolinho aí, aí é só brincar de lego.

US 28 - Violências geradas pela vida no crime impediam a felicidade. Crime é uma violência com o outro e consigo. Com a violência você também agride a si mesmo por não aceitar alteridade, mas quando você acolhe está, você se coloca em crescimento, abre espaço para singularizar-se. Ir contra a normatização do mundo periférico requer agressividade, mas assim você encontra a felicidade: “[...] quando você se propõe você está se violentando, violentando você mesmo quando você se propõe a assaltar alguém, a traficar, a fazer qualquer tipo de situação errada, quando você consegue se libertar disso daí você consegue encontrar a paz, uma paz permanente e uma felicidade real”. Status do mundo normatizado iludia no que você mais precisava, crime não se fazia mais por necessidade mas por ilusão, angústia provocava esvaziamento de sentido. “às vezes eu saía pra noite, eu roubava de manhã, roubava de tarde, saía de noite gastava 3 mil, 4 mil, 5 mil real e

no outro dia tinha que roubar de novo porque não podia chegar em casa e às vezes não tinha um pão.” Mundo impessoal abre espaço para permanecer na normatização do mundo, viver alienado de si: “uma ilusão que você falava, né? Que tinha que se arrumar, aquele tênis, como se fosse uma armadura que cê colocava, aquele perfume e tudo e pegava a chave do seu carro e chegava lá e entrava naquele camarote, aquela sensação de poder, de status, aquela euforia toda, droga pra todo lado, mulher, e quando você chegava na sua realidade real você via que você não fez porra nenhuma, que você é um bosta que tudo que você se propôs a fazer não deu em nada. Você tenta manter um ilusão aparente naquele cenário, naquela realidade, mas na sua mesmo cê não conseguiu fazer nada.”. Sentido rearticulado, ao lidar com alteridade o indivíduo se singulariza e pode realizar o seu poder-ser de modo próprio. “Ai quando você se desperta pra isso dai as coisas mudam, cê consegue... sei lá... a violência se afasta de você.” Família é o foco do futuro, sentidos giram em torno da família. “Agora o próximo passo é tijolo e cimento, é investir em tijolo e cimento, levantar mais umas casinha ai, deixar uns aluguelzinho pra essas meninas receber, fazer uma faculdade também, investir no estudos dessas meninas ai. Próximo passo ai agora depois do dias das mães ai se Deus quiser já começo descarregar os tijolinho ai, ai é só brincar de lego.”

QUARTO CAPÍTULO

Agrupamentos das unidades de sentido em constelações

A partir das unidades de sentido distribuídos no decorrer da entrevista, foi possível agrupar estes em significativos maiores denominados constelações, que permite uma compreensão mais clara e objetiva dos sentidos e significados atribuídos pelo entrevistado em sua constituição como ser-aí.

4.1 - Constelação 1 - Familiaridade com o local de pertencimento e familiares

A favela da Vila das Pratas é trazido por Luis em sua fala como um sentimento de familiaridade e pertencimento, já que é o local onde nasceu e cresceu, e possui fortes lembranças da sua infância e da sua relação com seus pais, sua avó e seu tio que também eram todos da região. Apesar de ter passado a adolescência e a juventude em outros locais, Luis, ao falar da sua infância, diz: *“minha essência é praticamente toda daqui”* revelando um sentimento de familiaridade com o local.

Após vivências de violência na favela da Alba, no Cingapura e nos presídios, o local que Luis escolhe para construir sua vida e a de sua família é o local seu de origem, revelando o significado de pertencimento que se desdobrou a partir da experiência de familiaridade.

4.2 - Constelação 2 - Presença do crime na juventude e suas influências

A vida de Luís de início já era marcada por violências presentes na região onde morava e em sua família. Seu tio foi assassinado em uma emboscada e sua mudança para a favela da Alba decorreu da prisão e perseguição do pai. Este era um traficante local que, apesar dos esforços de se mudar com a família, a violência os acompanhava marcando as lembranças que Luís tinha: *“Eu lembro que ele uma vez, ele colocou a gente num porão na casa aonde tinha e foi conversar com uns caras lá no quarto, sabe? Uma situação bem tensa”*. Tais vivências tiveram tanto

significado para Luis que, em sua palavras, ficou *“marcado, meio que caracterizado na nossa personalidade, [...] a gente já começou a crescer um pouco com aquela é... instinto ruim do que a convivência pede pro ambiente.”*

Alguns anos depois, já adolescente, Luis passa a fazer uso de maconha e, devido as amizades que tinha, enxergou no tráfico uma possibilidade de renda: *“conheci a maconha né todo mundo fumando maconha, já com os boys lá da Santa Cruz, ai já comecei a pegar uns pedaços no Vietnã e a levar lá pro lado da Santa Cruz e já comecei a me envolver com os moleques de lá.”* Mesmo com orientações e saída do pai do tráfico, *“ele sempre falava ‘lavo minhas mãos sabe, a gente sempre te mostrou o certo e o errado, tendeu? E eu não quis isso pra você’”*, Luis já tomava suas próprias decisões escolhendo e se responsabilizando por tais escolhas.

Quando questionado sobre os conflitos desta época, suas lembranças o levam para um episódio de extrema violência protagonizado por seu irmão Marcos, que já fazia parte do crime, assaltando motos e bordéis e, após alguns alguns mal entendidos provocado por alguns moradores, Marcos veio à assassinar três pessoas por se sentir lesado em um roubo de moto:

“[...] ‘essas peças ai é da moto que eu peguei mano ceis ta me tomando aqui na quebrada’ e [...] ‘você tem que ser tomado mesmo que você é boy’ [...] Então ai ficou aquela intriga diz que me disse [...] aonde que [...] o Marcos pegou e veio, ele e meu primo faleceu nesse episódio ai o Paulo, veio a cometer praticamente uma chacina ali na Vila Santa Catarina né mano, foram três homicídios e duas tentativas”.

O que chama a atenção aqui é o tipo de violência praticada pelo irmão de Luís, como citado anteriormente na análise tipográfica de Fromm, Marcos teria praticado uma violência vingativa que, ao se sentir lesado pelo situação, precisou praticar a violência para tentar restituir a experiência que o lesionou, numa tentativa de recuperar o modo de ser perdido pelo atravessamento da alteridade.

Luís já estava preso quando ocorreu a morte de seu primo e a prisão de seu irmão, mas relata ter sentido a tensão do ocorrido quando soube por telefone, de dentro do presídio, que seu pai voltará a andar armado pelo bairro. Em uma “saidinha” da prisão, Luís fala de ter tentado compreender como se deram os

conflitos com seu irmão e acredita que poderia ter resolvido se estivesse junto ao irmão na época, revelando um cuidado substitutivo: *“eu tenho certeza que se eu tivesse na rua [...] e intermediado essa situação, não teria acontecido”*. Com o tempo os conflitos foram diminuindo e Luis e sua família permaneceram morando no local e, apesar das tensões, as dificuldades foram sendo superadas.

4.3 - Constelação 3 - O crime e a experiência de reclusão.

A relação de Luis com o crime já se inicia na primeira infância com o tio assassinado em uma emboscada, posteriormente vivencia cenas da relação do pai com o tráfico e o envolvimento do irmão com assaltos. Sua experiência pessoal começou na adolescência com o consumo e venda de drogas para amigos, após passou a realizar assaltos à carros, em que relata ter se identificado mais: *“já falava que meu negócio era meter a peça na cintura, ir pras pistas.”*. Tal experiência o levou a sua primeira reclusão aos 18 anos que durou 3 anos e 6 meses.

Luis traz como justificativa da permanência no crime a inserção no mundo social, o status como uma forma de reconhecimento social, como fala: *“[...] se você quisesse curtir a semana inteira, se quisesse ter roupa boa e tá sempre, status né, no auge, na moda tinha que fazer por onde, pai e mãe não dava nada, emprego era difícil pra caralho, assim ingressar no primeiro emprego”*.

No presídio Luis se depara com um cenário extremamente violento: *“Nessa época ainda que, eles falam que é época dá.... época da bandeira abaixada, que agora a bandeira tá levantada, é época de derramamento de sangue tenebroso [...]”*, era rebeliões todo dia, colchões incendiados, presos esfaqueados pelos próprios presos, tais violências iniciadas em sua maioria por disputas por drogas. Aqui observamos o tipo de violência por desmoronamento da fé como citado anteriormente, em que o indivíduo, diante da perda da fé, experimenta a angústia por esvaziamento de sentido, aparentando não haver nenhuma estabilidade para ser. Deste modo a solução encontrada acaba sendo viver de forma única e destrutiva, como no caso, fazendo uso abusivo de drogas. Também podemos fazer um paralelo ao tipo de violência por sede de sangue quando ele fala sobre os constantes assassinatos e do derramamento de sangue frequente nos presídios. Tal

violência caracteriza-se quando os indivíduos agem de maneira primitiva destruindo semelhantes por sensação de poder.

Luis reconhece que as violências eram demasiadamente impactantes quando, ao ser perguntado sobre os sentimentos que sentia relata:

“[...] eu vi cara perdendo cabeça, coração, os caras jogando bola, colocando cabeça dentro da barriga, sabe? Cara incorporado ‘arh eu sou exu capetinha’ e tomando facadas e facadas e facadas e você vê o cara não cai, e você fala meu deus do céu que que isso. Então aquilo ali é uma coisa que você não vai esquecer mais, é um cenário que você não vai esquecer mais [...].”

Tais situações não haviam como ser evitadas, o único controle que se podia realizar era através de mais violências praticadas pelos guardas para conter a agitação dos presídios. De antemão os policiais preveniam os presos que chegavam: *“Se você tiver problema ladrão já fala, não entra, o prédio é violento, tá morrendo três por dia.”*

As mudanças importantes que ocorreram na época e vieram a diminuir consideravelmente ações violentas deram-se através das organizações. A organização do judiciário acontece pelas mudanças na lei, em que aboliu a entrada de facas e tornou mais rigoroso o esquema de revistas, e as penalizações aos considerados responsáveis pelos atos, como explica Luis:

“[...] em 2005 foi abolido qualquer faca dentro do sistema e qualquer tipo de cobrança, se não pode ter derramamento de sangue, se o cara tiver que morrer ele morre enforcado, ou ele se mata ou ele toma umas doses exagerada de cocaína mas tipo, estocada de faca, derramamento de sangue hoje em dia dentro do sistema você não vê mais né.”

Através também da organização de um grupo de presos, surge à facção que conhecemos como Primeiro Comando da Capital, o PCC ou Comando. As ações do Comando ficaram conhecidas não só dentro dos presídios como rapidamente foram se alastrando para fora, gerando mais poder à facção. Mas

também, a imposição de regras pelo grupo contribuiu para a diminuição da violência nas favelas de São Paulo. No início da entrevista Luis chega a citar como era a época da sua juventude antes de existir o PCC: “ [...] *naquela época não existia ainda que nem hoje algumas regras que tem pelo comando, primeiro comando da capital, era terra sem lei. Meu irmão me fala que era época de franco atirador, quem podia mais chorava menos.*”. Assim como nas ruas, segundo Luis, o presídio também mudou com as regras impostas pela organização, contribuindo com a diminuição da violência: “*O que eu... creio eu que foi a inteligência do crime mesmo se organizando sabe?*”

As mudanças na legislação também interferiu diretamente na forma como a organização criminosa trabalhava, em que esta prezada a liberdade acima de tudo. Pelas leis passou-se a responsabilizar os presos pelos conflitos e assassinatos que ocorriam no âmbito do presídio, como explicita Luis neste trecho de sua fala:

“[...] aquela época se você né, assassinasse um cara dentro da cadeia poderia não dá nada pra você, hoje em dia não, [...] pra cada um que cai um vai ter que se responsabilizar entendeu? E o que... dentro do sistema o que a gente pre...é... o que preza é a liberdade, é a liberdade. Então você não quer, se você quer sua liberdade você não quer ver o próximo ali que tá na busca da liberdade dele se atrasando entendeu? Com o próprio companheiro de cela. Então você vai procurar um diálogo, uma solução plausível pra.... entre as duas partes. Porque não tinha é... era difícil cê vê um diálogo. Se você tinha alguma diferença você pegava uma faca e chamava o seu adversário, descia pro meio da quadra e só saia um vivo, hoje em dia não, hoje em dia não tem mais isso. E assim, a inteligência do crime foi tendo que se adaptar porque a... as legislação mudando tava é... carregando, carregando os caras de cadeia, tendeu? Então os caras tavam se assumindo, se afundando em B.O., se enterrando vivo sem perspectiva de liberdade que era o foco principal da nossa luta né, que era em busca sempre de liberdade.”

Luis passou aproximadamente 10 anos somados dentro do sistema penitenciário e conseguiu acompanhar as mudanças importantes para a diminuição da violência dentro do sistema. Chega a dizer que a corrupção é em partes

responsável pelo crescimento do Comando: *“eu acompanhei bem essa evolução, [...] esse crescimento da organização. [...] tanto dentro como fora também tendeu? [...] a corrupção em si no geral faz com que deixe várias brechas pra poder atuar e se aprimorar, tanto dentro do sistema quanto fora.”*

Após sair da penitenciária nesta primeira experiência dentro do sistema, Luis relata ter conhecido um outro lado do crime, nada glorioso, quando passou a trabalhar no Cingapura, um conjunto habitacional localizado na Avenida Ricardo Jafet na Zona Sul de São Paulo. Ele trabalhava com o tráfico de drogas local e presenciou a violência que usuários de drogas realizavam contra si mesmo com o uso abusivo de drogas, principalmente com crack, violência tal que o marcou fazendo com que ele desistisse desta área do crime e voltasse à prática dos assaltos, como diz:

“[...] mas eu vi [...] o que o ser humano é capaz assim por causa de uma pedra de crack né, [...] eu tinha que conta as vezes, trocar plantão, fazer fechamento do dia pra noite. Naquele período ali a gente demorava [...] uns 30, 40 minutos e nesse período o que fazia de fila assim, cê falava ‘meu deus como isso aqui é assim mano’, sabe? E microondas, televisão, até carro mesmo sabe? Te dando de tudo cê falava ‘mew!’ É...uma violência enrustida né, que gera várias coisa. Ai eu fiquei meio assim sabe? Fiquei meio desgostoso de trabalhar com tráfico de drogas, ai voltei a roubar de novo, comecei a roubar igual um louco nessa época.”

Aqui vemos mais um exemplo do tipo de violência citado por Fromm, a violência por desmoronamento da fé, uma prática de violência que, como dita por Luis, inflige a si mesmo, tornando a vida odiosa não conseguindo mais suportar a dor e o desapontamento, a angústia do esvaziamento de sentido, e vivendo assim de maneira destrutiva. Luis não conforma-se também por ter casos de uso abusivo de crack dentro de sua família, em decorrência disto vivenciar tal violência o amargurava. Nesse momento ele percebe que esse trabalho é seu limite e faz uma substituição das violências. Tinha a consciência de que a prática do crime era feita sempre passando por cima de alguém e já não fazia mais sentido para Luis

perpetuar com a violência contra os seus semelhantes, escolhe então voltar a praticar os assaltos, como fala:

“ [...] cê num quer ganhar sua vida, seu dinheiro em cima daquela desgraça, tendeu? Cê prefere qualquer outra coisa mas aquela ali pra você já não serve entendeu? Então, que o mundo do crime, da violência é praticamente isso, você fatura em cima de uma desgraça alheia, de uma violência alheia então se fala que, ah aquela ali eu já defini pra mim que eu não quero e voltei a assaltar de novo e falava assim ah se eu for tirar eu vou tirar de quem tem, eu vou roubar quem tem, não vou ficar explorando esse monte de miserável aqui por causa de pedra de crack.”

A violência que mais se aproxima da citada por Luis é a violência compensatória que, ao concluir que o outro que tem mais é passível de sofrer a violência, ele parte do princípio de que se faz justo o assalto devido às diferenças de classes: *“eu vou roubar quem tem”*. Nesse caso de violência Luis compensa no rico as injustiças sociais impostas para a sua classe, a fim de se sentir mais potente.

Luís sai do roubo à carros para o assalto à residências, bancos e roubo de cargas. Refere-se a essa mudança como um “aperfeiçoamento” que adquiriu no período em que ficou preso: *“ [...] foi aprendizado também desse período, dessa primeira fase que eu passei na cadeia né? As amizades que eu fiz nesse período tudo, conhecimento, ai você vai abrindo um leque de opções.”* Quando esteve no Cingapura ajudava a manter o bar de sua ex-esposa, mas considerava-o apenas como um “hobbie” que *“ [...] desbaratinava das minhas outras atividades [...]”*.

Após 8 anos realizando os assaltos Luís volta a ser preso novamente por 11 meses, mas foi absolvido da acusação. Diz que nesse período o presídio em que esteve já era *“ [...] mais pacificado então mais tranquilo.”* Relata que os atritos que ocorriam dentro das celas vinha da ociosidade dos presos: *“ [...] um monte de caboclo junto, às vezes falta cigarro, falta maconha, falta isso, gera um estresse, tensão, perreco, mas é faz parte do cotidiano.”* Depois de sua saída, Luis conheceu sua atual esposa Rosana e trabalharam juntos em um novo negócio que não deu certo, motivando o retorno para os assaltos: *“ [...] sem trampo sem nada Luis voltou pras pistas de novo.”* Durante um assalto, foi pego por policiais que, além de

apreenderam o dinheiro, armas e carros utilizados no assalto, exigiram dinheiro de Luis e dos outros envolvidos como chantagem. Tal perseguição provocou desentendimentos entre os colegas, além de que dívida com policiais incentivou o assalto que levou Luis a sua última experiência dentro do sistema penitenciário: “[...] *tava no prejuízo, tinha perdido uma grana, porra, polícia na bota, voltei pras pistas de novo.*” Após uma denúncia do assalto, Luis é preso em flagrante e condenado à 12 anos de prisão, no qual cumpriu 4 e ainda cumpre os demais em liberdade.

Luis conta que esta última passagem foi experimentada de uma maneira diferente, já não havia muitos conflitos e suas experiências passadas permitiram que ele pensasse mais em seu futuro: *“cadeia pacificada, tudo tranquilo, então, foi uma série de experiências já vivida né, então foi uma fase de colocar as ideias no lugar”*. Além de que a presença da sua família por perto o auxiliou a passar pelo processo, evitando que se envolva-se com o Comando. Luis conta que muitos presos entram para a facção por causa do abandono familiar:

“[...] um monte de preso fica meio, fica abandonado lá, entendeu? Fica vulnerável a esse tipo de situação [...], os cara falava que, ‘pessoal me abandonou, minha mulher me abandonou, to carregado de cadeia, tenho que tirar 30 anos, demoro irmão pode por meu nome aí’, entendeu? E já põe o nome na macumba e fica, né? Como eles falam, constitui uma nova família.”

A facção PCC acaba sendo a nova família dos presos abandonados, dando um sentido para a vivência deles. Nesta última passagem pelo sistema Luis teve a presença de sua família por perto, lhe dando um sentido para passar por este processo: *“[...] eu já tinha minha família né, [...] e eu não podia dar mais atenção pro crime organizado, pra facção que eles, né, requer realmente a sua atenção, sua dedicação como um soldado né.”*

4.4 - Constelação 4 - Alternativa à vida no crime: o empreendedorismo

Luis inicia sua carreira com a venda de drogas que, apesar de ser um trabalho informal e ilegal, lhe proporciona experiências com comércio. Tal

experiência acaba por marcar as vivências dele abrindo diversas possibilidades nesta área. Após sua primeira passagem pelo sistema prisional, Luis retorna com o tráfico de drogas mas também toma conta do negócio aberto pelo ex marido de sua primeira esposa, um bar que ficava próximo ao local em que trabalha com o tráfico:

“O marido da minha ex esposa ele já tinha uma pastelaria, que no final ele, virou um buteco e aí pela idade avançada dele eu acabei ficando tomando conta pra ele ali durante um bom tempo ali, entendeu? O que também me desbaratinava das minhas outras atividades, entendeu? Então ali era como se eu, ah foi ali, tava me dando um negocinho ou outro ali, era comerciante então fiquei um bom tempo ali.”

Luis considerava o emprego apenas como um “hobbie”, para se distrair da sua atividade principal. Neste período suas habilidades como comerciante foram se aperfeiçoando abrindo a possibilidade de estudar nesta área após ter sido preso pela segunda vez:

“[...] eu sai da cadeia ai né, com aquele propósito, vou mudar, vou mudar, vou estudar, vou procurar outros parâmetros, ai, isso ai foi em 2009. Ai eu comecei a estudar, fazer Processos Gerenciais lá na Uniradial, lá em São Judas, cursinho de 2 anos, ai comecei tal, empreendedorismo daqui e pá e tal, e comecei a ter uma noção.

Motivado pela vontade de mudar, iniciou seus estudos na área e teve a idéia de abrir uma loja de roupas femininas, alugou dois box no bairro São Judas na zona sul de São Paulo de um turco que conheceu e, com a ajuda da família e da sua atual esposa Rosana, começou a trabalhar:

“Fui lá no Brás comprei um monte de calça da Sawary, da Ri19, trouxe uns totens da Sabrina, ai fui lá no Nissin lá, Nissin era o nome do turco, ai aluguei um box lá em São Judas [...] comprei arara, manequim, bostoário, cabide, e montamos lá pequenininho bonitinho mas era cheinho, tinha de tudo um pouco. E começamos a trabalhar. Ficamos até 2012 com essas lojinhas, ai foi uma fase bem tranquila

também. Mas foi logo depois que eu sai com esse intuito de mudar, fui comecei a estudar, fazer faculdade, ai meu pai até falou 'não, agora pow, tá estudando, tá legal, então vou te dar um apoio'. Ai com o incentivo dele e da minha mãe e tal, a gente começou a montar essa loja ai e eu fui pra luta, entendeu?"

Devido a problemas com a regularidade da loja, Luis teve de sair de lá e alugou outra loja, só que com o aluguel mais caro o que dificultou a permanência no local, levando ao fechamento da loja:

"[...] abri em outro lugar, tudo certinho, só que lá o aluguel lá já não era mais 700 reais igual era no Nissin, já era 2 pau e 500, ai já não tava mais fechando a conta, ai fiquei mais um ano lá, a Ivone também, a japonesa dona do shoppinho lá, japonesa muito gente boa, deixou a gente ficar mais um período falava não, eu sei que tá difícil pra todo mundo, tá todo mundo lojista, tudo entregando as lojas, vou deixar você ficando ai, ai ficamos mais uns 3 meses, mas também não quis abusar da boa vontade dela. Recolhemos nossas coisa e fechamos."

Porém, ainda motivado pela mudança, Luis leva os produtos para vender em portas de empresas, tentando ainda salvar o negócio:

"Tentei, ai peguei, fui pra rua, joguei as roupas tudo dentro do carro, fui passar em porta de empresa, de firma de mulher, tinha uma firma que tinha costureira, perfumaria assim, encostava lá, abria o porta mala e vendia bastante também. Bolsa, calça, blusinha e sempre fui pra luta, sempre me virando assim, mas assim, sempre na mesma forma que a gente sempre buscou trabalhar ali e... e conquistar ali as coisas no suor ali na raça [...]."

Mesmo com as tentativas de Luis, o mundo do crime ainda se fazia presente. Sua esposa Rosana estava grávida novamente e eles haviam acabado de se mudar de volta para a favela da Vila das Pratas. Com as dificuldades no comércio e o fechamento da loja, Luis volta à assaltar: *"sem trampo sem nada Luis voltou pras*

pistas de novo. Pulamos na moto, bora pra porta do banco todo dia 9 horas banco abrindo nois já tava lá.”

Na terceira passagem de Luís, sua esposa o acompanha até o interior, aonde ficava o presídio, numa tentativa de manter as filhas perto do pai. Lá eles se dão conta de uma nova possibilidade no comércio, a venda de refeições:

“[...] dentro do sistema a gente viu uma precariedade, uma escassez do preso ali, do rei do cano tá se alimentando, mas a gente teve uma ideia de, ela quando foi morar lá abriu um... uma cozinha, um restaurante né, a onde que a gente tinha, como a gente tava lá toda semana, a gente tinha a possibilidade ali daqueles que quisessem né, comer alguma coisa diferente, uma alimentação diferenciada a gente ia poder tá levando ali nos finais de semana, e ali surgiu um negócio né. Aonde que dentro desses 4 anos ai em cima dessa ideia a gente conseguiu se manter no fundão, criando essas duas meninas.”

Tal ideia levou à construção da barraca de refeições que possui hoje na calçada de sua casa: *“Voltamos com essa ideia meio que acesa em mente né, montamos essa barraca ai na calçada e tá ai até hoje [...]”*. A ideia do negócio foi proporcionada não só pela experiência do restaurante na região da penitenciária, como também pela vivência do comércio dentro do presídio, nas trocas que os presos realizavam entre as celas, um tipo de prática baseada no escambo:

“[...] a gente chama de radial, aonde passa a maioria dos fluxos de preso né, que transita pela cadeia. Então o cara pegava um lençol, ele esticava aquele lençol na radial ele colocava esse papel, esse copo, isso aqui e isso aqui e achava comprador pra tudo aquilo. Dentro de uma cadeia, dentro do sistema o cara conseguia negociar, porque eu na rua eu não ia conseguir.”

A montagem da barraca foi importante para a renda da família, e o negócio vem crescendo e se aprimorando para conquistar novos clientes. A criação da barraca também possibilitou Luis à estar junto da esposa e das filhas, trazendo o sentimento de paz e tranquilidade:

“[...] a gente colocou em prática e.... cada dia que passou, que vai passando a gente vai melhorando, vai aprimorando. E o que vai passando, vai tendo ideia novas, vai pesquisando o que povo quer, se tá calor a gente vende açaí, se tá frio a gente vende caldo verde, caldo de mocotó, e tamo na luta. A gente tá sobrevivendo, uma outra perspectiva, perto da família, tudo tranquilinho [...]. E tá sendo uma fase boa, uma fase bem tranquila, uma fase de paz né? Bem simples, bem simples, humilde mas com bastante paz, com bastante tranquilidade.”

4.5 - Constelação 5 - Oportunidade como prática antiviolença

No segundo capítulo quanto pontuamos que a violência está intrínseca ao modo de ser do homem, também colocamos que não é impossível realizar práticas que se aproximasse ao que chamamos de paz social. A luta contra a desigualdade foi colocada como uma prática antiviolença e necessária para atingir este propósito. Quando Luis fora questionado sobre o que poderia ser feito para que houvesse menos violência nas favelas, sua resposta se assemelha à esta luta: *“Ah oportunidade! Eu vejo assim que falta oportunidade, falta oportunidade. Porque as oportunidades surgindo elas muda a mentalidade da pessoa, muda a perspectiva de vida das pessoas.”*

Como dito por Luis a oportunidade de trabalho favorece a abertura de possibilidades de ser dos indivíduos que moram nas favelas. Nossa abertura histórica já diz respeito a uma época que possui preconceitos previamente estabelecidos, dificultando e limitando as possibilidades de ser de indivíduos que nascem em regiões pobres, especialmente de pessoas negras. Nossa condição histórica já marca este ser-aí colocando-o em uma condição específica, como na fala de Luis quando fala da sua condição para arrumar um emprego e do trabalho autônomo como única possibilidade de pessoas nessas condições:

“Sempre foi difícil né, porque.... é negro, ex-presidiário, vindo da periferia, mais tempo na cadeia do que na rua, cê não tem muita carga de experiência. a gente

sempre foi na luta... sempre né, compramo é... compra bala aqui vende ali, sempre fomos assim meio que garimpeiro, meio que empreendedor ai ambulante né.”

Em nossa época, existe uma exigência do mundo técnico para a produção, só se é alguém enquanto esse alguém possui uma função para técnica, enquanto este alguém é produtivo. O reconhecimento do outro, para o mundo, também se dá através da sua produção, do que o outro faz: *“Quando eu fazia faculdade que eu tava na Uniradial, que eu tinha lá meu né, tava lá cursando meu nível superior e tal, tinha ali minha loja de roupa, a sociedade me via diferente [...]”* Mas quando a oportunidade é escassa você é visto como ninguém, dando margem para a violência surgir.

Hoje, com o aumento das tecnologias, novas oportunidades têm surgido, com um nível de exigência mais baixa, possibilitando a geração de empregos em que o outro é contratado sem preconceitos, como visto por Luis na favela da Vila das Pratas:

“[...] graças a tecnologia, esse sistema de aplicativo ai é.. a molecada não tá ficando mais, não quer ficar aqui na favela fumando maconha com pacote de droga, o cara pega a bicicletinha, pega a bag e vai lá pra vai lá pra Vila Olímpia, vai pro Brooklin, os caras vai lá 10 da manhã, volta 11 horas, todo dia, e os caras voltam contente porque surgiu uma oportunidade pra eles entendeu? Uma oportunidade sem burocracia, sem muito...sabe? Aquela coisa formal, sem muito preconceito, sem aquela coisa formal, tendeu? Ali no informal mesmo os caras tá com o telefone, baixa, assiste uma palestrinha, pega a bag, pedala ao ar livre ai com toda liberdade do mundo, faz seus trampinho, volta pra casa com seu sustento. Os cara sai de manhã ai volta pra casa com 100, 200, 300 reais em dia de chuva ai, em dia que o frete aumenta os caras sai tá com o sorriso aqui.”

Tais oportunidades expande o leque de possibilidades de ser, levando à novos sentidos e significados, assim como o empreendedorismo foi para Luis. A possibilidade do crime é rearticulada pela possibilidade do emprego, o horizonte de

significados se expande com a apropriação da cidade e a vivência com diferentes classes:

“[...] tendo oportunidade ninguém fica na favela, tá todo mundo ai ó, pedalando por São Paulo a fora, fazendo as entregas, trabalhando ali, suando a camisa correndo atrás do seu, entendeu? E pra mim eu vejo a molecada aqui vei, que um dia tava no mesmo lado, e eles também me veem aqui na barraco todo dia assim, [...] então me parabeniza sabe? [...] não é um nem dois é um monte 5, 6 que hoje em dia, antigamente sabe? Vivia ai dando trabalho, arrumando mó perreco, só usando droga, só confusão, batendo no peito querendo... Porque se tá no meio da favela, pra você ter algum tipo de respeito cê tem que ser bravo, cê tem que ser pra frente, tem que ter um autoritarismo, e agora não porra os caras é respeitado da mesma forma, mas fazendo um trampo tranquilo, pela humildade, não pela arrogância, não pela prepotência entendeu? Então a oportunidade trouxe muitos benefícios pra molecada ai em si, em termos de humildade, em termos de ocupar a mente, em termos de renda, só benefício, em educação. Eles voltam lá conhecem pessoas diferente, né? Convive com pessoas de classe diferente né? Pessoa não sabe da onde... de que favela ele vem, mas ele tá lá no Itaim Bibi, subindo em apartamento de boy, fazendo as entregas dele, conversando com pessoas de níveis, de níveis sociais diferentes, sabe? Vendo o mundo de uma forma diferente, e com isso vai aprendendo, vai mudando os conceitos, ai se vê ai a favela fica vazia, ninguém mais quer segurar droga de ninguém [...]. E assim a gente vai mudando o quadro, um quadro que você poderia ver um futuro violento, cê vê outras perspectivas né [...]. Ali você não vai ver um preso, ou a rota matando, ou sei lá de repente matando um inocente ai por causa de mixaria tendeu? Ou seja desgraçando a vida dele ou de alguém por causa de um motivo banal né. Ali você vê, carai o nenê memo eu falei ‘carai nenê, uma pedalada atrás da outra tá conquistando seu espaço’ ele fala ‘é negão, não pode para a luta continua’ e assim a gente vai dando força um pro outro, ele na bike dele eu na minha barraca, tendeu?”

4.6 - Constelação 6 - Sobe sentido de liberdade e culpa: Família

A disparadora feita a Luis na entrevista dizia respeito ao sentido que ele atribuía à palavra Liberdade, ali ele já pontua qual o foco principal de toda a sua trajetória de vida: sua família:

“Liberdade pra mim é... a coisa mais maravilhosa do mundo, [...] que é seu poder ir e vir, acordar, deitar dormir do lado da sua esposa, das suas filhas, sabe? Poder abraçar sua mãezinha, tá com a sua família pra mim é praticamente isso, é esse sentimento maravilhoso de poder tá com quem você realmente quer.”

Parodiando Sartre: Somos livres para nos libertar. Luis coloca a liberdade no sentido ôntico de poder conquistar/realizar o que se quer, ficar perto de quem ama. Ao mesmo tempo, a liberdade para ele é frágil, fácil de perder e difícil de reconquistar: *“[...] no mundo que a gente vive, é rápido pra perder mas para conquistar, reconquistar ela é muito difícil [...]”* Podemos dizer que precisamos cuidar dessa condição, no sentido de mantê-la existencialmente. Luis fala que, se colocar em situações em que você perde sua liberdade, é uma violência que se faz contra si mesmo, pois tira a oportunidade de viver ao lado da sua família, e suas experiências no crime se articularam em torno deste sentido, a busca da liberdade para estar com quem ama:

“[...] aquela velha sensação de busca da liberdade que cê fala ‘meu deus, agora quando eu saí de novo (do presídio), quando eu conquistar, vou valorizar essa bola azul, esse globo azul que tá aqui e nos cerca porque ver ele só através de tela é horrível sabe? Engaiolado’. Eu acho que essa daí, acho que é a maior violência que a gente mas é faz contra nós mesmo, contra a nossa família, de tá privado de se privar, que nem eu te falei de dormir e acordar do lado das pessoas que você ama né, essa ai pra mim é uma das pior violência que é, afeta diretamente a alma [...]. No fundo uma grande perda de tempo onde você se violenta, violenta sua família, e é.... só o tempo mesmo pra recuperar, só o tempo.”

Nos momentos em que Luis fala de culpa, o sentido é o mesmo, se colocar em situações de risco leva a consequência de perda de liberdade, e ele se responsabiliza pelo o que lhe aconteceu: *“eu mesmo busquei isso pra mim”*, e conclui que a violência é um momento que vai e volta e é preciso cuidar para manter a estabilidade do que realmente traz benefícios:

“[...] a violência é igual a alegria ela vem e vai né, a tristeza a violência e esses momentos é assim, eles vêm e vão e a gente tem que aprender a superar e seguir em frente né, e fazer o máximo possível pra manter a estabilidade daquilo que te traz algum benefício, que te traz alegria, que te traz prazer, que é sabe? Estar debaixo dessa bola azul, conviver com a minha esposa, com as minhas filha, dormir acordar, ter a certeza que vamos estar juntos todos os dias, que não vai ser só de sábado e domingo, dia de visita. Essa ai é a maior alegria.”

Para superar o sentimento de culpa, Luis fala de passar mais tempo com a família:

“[...] como a gente vai superar essa culpa, buscando novos momentos né, como eu levantava 5 horas da manhã, eu vou levantar, vou correr, vou caminhar com a minha esposa, vou levar minhas filhas na escola que é maior prazer que ai você chega vai fazer lição, ai aquela expectativa, da 11 horas, você vai buscar de novo, sabe? E a gente começa a se dedicar mais a esses momentos né, e querer que eles se prolonguem né, pra... de repente suprir esse sentimento de culpa [...].”

A culpa aparece também junto do sentimento de arrependimento, quando fala da sua mãe, e das festas que não pode passar ao lado dela por estar preso: *“Ah pra dona Maria (mãe) assim, a gente fala que é uma maldição né, [...] poucos natais a gente tem em fotos de toda a nossa família reunida. Quando eu não tava preso era meu irmão, quando meu irmão tava na rua eu tô preso [...].* Comenta também de não tirar mais nada de ninguém para não voltar a essa situação mais uma vez, de lidar com esse sentimento: *“Acho que dá nossa mão hoje em dia*

ninguém toma tiro, ninguém mais é roubado, ninguém mais é assaltado. É um tipo de coisa que na nossa mão hoje em dia não vai partir mais.”.

Quando questionado quem é o Luís de hoje não exita em dizer que a simplicidade o define. Seu sentido de ser esta na sua família e em manter uma vida simples para conquistar o que busca, não mais o status, mas sim a alegria de estar ao lado de quem ama.

“[...] através da simplicidade de um dia após o outro é... eu vou conquistar muito mais do que eu busquei em 18 anos na vida do crime. [...] Hoje em dia sou mais família e mais simples. Essa ai é a definição onde que eu me encaixo ai, que eu me enquadro assim né.”

Luis acredita que viver do crime é um tempo perdido, uma ilusão, uma violência que impede o encontro com a felicidade:

“[...] quando você se propõe você está se violentando, violentando você mesmo quando você se propõe a assaltar alguém, a traficar, a fazer qualquer tipo de situação errada, quando você consegue se libertar disso daí você consegue encontrar a paz, uma paz permanente e uma felicidade real, que é o que é importante.”

A violência no sentido ontológico como explicitado no segundo capítulo desta pesquisa, é a supressão da alteridade do outro, que impede o processo de singularização, no modo impróprio a normatização do mundo racional facilita a alienação e a falsa idéia de felicidade. Luis comenta que tal ilusão não o levou ao sentido da felicidade, da liberdade que é o estar junto de quem ama, de ajudar sua família:

“[...] às vezes eu saía pra noite, eu roubava de manhã, roubava de tarde, saía de noite gastava 3 mil, 4 mil, 5 mil real e no outro dia tinha que roubar de novo porque não podia chegar em casa e às vezes não tinha um pão [...].

Não atingindo o sentido proposto na vida no crime, Luis experimenta a angústia, o esvaziamento de sentido:

“[...] você fala ‘porra mano, porra eu desgracei a vida de alguém porque eu tava no corre e o intuito era o que, fortalecer dentro de casa, mas no final o dinheiro nem chegou dentro de casa, ficou tudo no rolê’, e no outro dia você fica com aquela sensação.. é muito, te dá depressão isso daí. É aquela sensação que você fala ‘meu deus!’”

A alienação provoca a busca de sentidos no material, uma felicidade efêmera e ilusória:

“[...] é tudo um círculo vicioso, uma ilusão que você falava, né? Que tinha que se arrumar, aquele tênis, como se fosse uma armadura que cê colocava, aquele perfume e tudo e pegava a chave do seu carro e chegava lá e entrava naquele camarote, aquela sensação de poder, de status, aquela euforia toda, droga pra todo lado, mulher, e quando você chegava na sua realidade real você via que você não fez porra nenhuma, que você é um bosta que tudo que você se propôs a fazer não deu em nada. Você tenta manter um ilusão aparente naquele cenário, naquela realidade, mas na sua mesmo cê não conseguiu fazer nada.”

As experiências de violência possibilitaram novos sentidos na vida de Luis, possibilitando também a lida com alteridade e o processo de singularização: *“Ai quando você se desperta pra isso daí as coisas mudam, cê consegue... sei lá... a violência se afasta de você”*. Ao se afastar das práticas de violência e rearticular os significados desta em sua vida, Luis pode realizar o seu poder-ser de modo próprio e encontrar o sentido de felicidade que movimenta sua vida, que para ele é o estar junto de quem ama, e encerra sua fala com seus projetos de futuro:

“Agora o próximo passo é tijolo e cimento, é investir em tijolo e cimento, levantar mais umas casinha ai, deixar uns aluguelzinho pra essas meninas receber, fazer uma faculdade também, investir no estudos dessas meninas ai. Próximo passo ai

agora depois do dias das mães ai se Deus quiser já começo descarregar os tijolinho ai, ai é só brincar de lego.”

QUINTO CAPÍTULO

Análise

Esta pesquisa teve por objetivo primeiro explicitar a compreensão de como o entrevistado em específico se constituiu a partir das suas aberturas de possibilidades em sua tensão com o mundo. Para tal, nesta análise utilizei o método fenomenológico-hermenêutico e as definições sobre violência supracitados no segundo capítulo, que auxiliaram na leitura das constelações temáticas das vivências do mesmo.

Luis, no início de sua trajetória, traz o sentimento de familiaridade com o local em que nasceu e mora hoje, a favela da Vila das Pratas, lugar este que possui lembranças de uma infância feliz com brincadeiras, e com seus familiares. Familiaridade tem o sentido aqui de “sentir-se em casa”, em meio a estranheza do mundo. Como revelado na descrição de ser-no-mundo no primeiro capítulo, o homem decai no interior de um mundo dotado de significados sedimentados que é estranho ao *Dasein*, decaindo no mundo, o homem segue a necessidade fundamental de se sentir em casa em um mundo familiar. (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 53). O local também é palco das primeiras lembranças de Luis marcadas pela violência, a iniciar com seu tio assassinado em uma emboscada e seu pai, traficante local que, após ser preso, decide sair da região com a família numa tentativa de evitar novas tensões. O que infelizmente não ocorre, pois junto da mudança e seu nome, que ainda era conhecido e relacionado ao tráfico, fizeram com que tais violências ainda permanecesse no cotidiano da família.

Alguns anos mais tarde, mesmo após orientações do pai, Luis inicia sua carreira no tráfico na adolescência com a venda de drogas para os amigos. Luis acredita que os acontecimentos advindos da experiência de seu pai com o crime marcaram, em suas palavras, sua personalidade, ou seja, estando inserido em um mundo no qual a criminalidade é uma possibilidade de ser, tais experiências de violências abriram para ele esta possibilidade. Estamos tomando por violência aqui a

supressão da alteridade do outro a fim de manter estável a estabilidade vital do modo de ser impróprio do *Dasein*. A análise tipológica de Erich Fromm (1967) irá nos auxiliar na compreensão dos significados das violências vivenciadas por Luis, a começar com o acontecimento protagonizado por seu irmão Marcos e os assassinatos que este cometeu por causa de um conflito que teve com moradores da favela da Alba, onde moravam. Tal experiência de violência se enquadra nas características de violência vingativa, aquela em que a vingança seria uma tentativa de descontar proporcionalmente um ato violento sofrido anteriormente, ela se realiza quando a punição aparece como um meio de recuperar o modo de ser antes perdido, após a alteridade ter irrompido no mundo daquele que se sentiu agredido. O indivíduo ao destruir tudo tenta de algum modo justificar sua existência, pensando que assim não será mais iludido.

Luis, apesar de ter começado no crime através do tráfico de drogas, rapidamente desloca-se para mundo dos assaltos no qual diz se identificar mais. Podemos realizar um paralelo de ambas as experiências de Luis ao tipo de violência denominada por Fromm de 'violência compensatória', tal caracteriza-se por uma fraqueza do homem diante do seu modo de se colocar no mundo. Esta fraqueza o impossibilita de transcender levando ele a tomar atitudes violentas para se sentir potente em suas ações. A violência compensatória possui por objetivo o domínio do outro para conseguir realizar a experiência de transcendência. Já que esta não se estabelece pelo acolhimento da alteridade do outro, busca-se então uma substituição deste processo, no qual o outro é subjugado. (BASTOS, et al., 2010 p. 146). Esta violência está também relacionada ao intuito de manter um *status quo* em relação ao seu estilo de vida, e aparece inclusive no discurso de Luis quando fala das justificativas das suas ações no crime, como a dificuldade de se conseguir um trabalho ou do dinheiro como meio de reconhecimento social. Quando falamos do mundo técnico, existe uma potencialização da reificação da alteridade, e a mídia nesse sentido desempenha um papel fundamental de alienação para manter os padrões estipulados pelo mundo. Tais padrões são reproduzidos e considerados indispensáveis, sendo responsáveis inclusive pela marginalização dos que não se normatizam junto deles, caracterizando-os assim também como atos de violência, em que a alteridade do outro é suprimida ao estado de coisa padronizada.

Na experiência com o sistema carcerário, a fala de Luis está marcada por lembranças de crueldade, quando narra acerca das rebeliões frequentes, do derramamento de sangue, uso descontrolado de drogas entre outras violências. Como citado por Foucault (1975, p. 261), às condições insalubres em que os presos são submetidos dentro do presídio gera a delinquência e o sentimento de injustiça em que, quando o preso se vê em um condição de sofrimento no qual a lei não ordenou e nem mesmo previu, ele entra num estado habitual de cólera contra tudo o que o cerca. Esta revolta leva às ações de violências que Luis presenciava e que enquadramos nos tipos de violência gerada por sede de sangue, um modo primitivo de agir a partir da sensação de poder que é uma forma de afirmação de si, e por desmoronamento da fé, quando, com a experiência de reclusão, os presos perdem sua fé e se aprofundam numa sensação de falta de sentido e perda da estabilidade vital vivendo de forma única e destrutiva.

Por Luis ter passado aproximadamente 10 anos dentro do sistema penitenciário, pode acompanhar a evolução e a mudança da violência que ocorria dentro e fora do sistema. Tais mudanças dizem respeito às revistas das visitas do presídio, que ficaram mais rigorosas, e as mudanças na legislação que aboliram o uso de objetos pontiagudos nas celas e passaram a responsabilizar os presos por qualquer acontecimento ocorrido, ou seja, se houvesse alguma confusão as penas dos envolvidos seria aumentada, gerando assim como dito por Luis, um consenso de que não valia a pena atrasar a própria liberdade ou a liberdade do outro. Com as ações do então grupo PCC e as regras impostas por eles dentro dos presídios e nas ruas, uma nova ordem foi instaurada em que o foco era a liberdade acima de tudo. Luis conta que foi também através da organização do Comando que as violências diminuíram pouco a pouco, nas celas e nas favelas. Um novo governo se instaurou aonde antes não havia nenhum tipo de controle, *“era terra sem lei”* (sic).

A primeira experiência de reclusão proporcionou à Luis novas possibilidades de atuação dentro do crime. Ele voltou a trabalhar com tráfico de drogas no Cingapura porém, em pouco tempo, desistiu pois tal experiência o amargurava, já que possuía parentes em sua família que fazem uso de crack. Enquanto trabalhava no tráfico exerceu também outra atividade em um bar na região no qual era responsável, ambas as atividades proporciona à ele a experiência com o

comércio abrindo a possibilidade de empreender posteriormente. Desgostoso com o tráfico, Luis volta a realizar assaltos. Caracterizamos esta violência como compensatória, já que visa a potência de si mesmo sobre o domínio do outro, este no caso seria a classe dominante que ele escolhe para assaltar, devido às injustiças que sente sobre sua classe. Como não deu certo a vivência no tráfico, Luis já tinha prática com roubos de carros, porém passa a realizar assalto à bancos, residências e a cargas, e se refere à esta mudança como um aperfeiçoamento que a experiência do presídio lhe proporcionou. As amizades e aprendizados que teve neste período de reclusão abriram espaço para que estas novas possibilidades de atuação no crime surgisse na vida de Luís. Podemos dizer que a experiência no cárcere articula os significados de ser levado à abertura de novas possibilidades, no caso aqui, novas possibilidades de atuação no crime.

Essa vivência durou aproximadamente 8 anos e ele volta a ser preso, por um curto período de tempo, mas nesta experiência Luis já encontra um presídio mais pacificado, em relação à sua primeira reclusão. Após sua saída, decide entrar para a faculdade e cursar Processos Gerenciais, aprimorando seus conhecimentos em comércio e, a partir daí, abre seu primeiro negócio, dois box de roupas femininas. Aqui podemos verificar que as duas vivências dentro do presídio articularam os sentidos da vida de Luis, motivando ele a se dedicar aos negócios, já que já havia também a experiência com o comércio. Mas infelizmente, mesmo após muito esforço por parte de dele, suas lojas não duraram, levando ao fechamento delas e ao retorno aos assaltos. Foucault (1975, p. 262) chega a citar os problemas da reincidência dos presos, que são gerados em sua maioria pela impossibilidade de encontrar trabalho. No caso de Luís, se não fosse pela oportunidade de abrir um comércio, sua permanência no trabalho ilegal se estenderia a muito mais anos.

A vivência no crime durou apenas aproximadamente 3 anos e logo Luis volta a ser preso, mas dessa vez condenado à 12 anos, no qual cumpriu 4 em reclusão. Mas em seu discurso, notamos que os sentidos de Luis, em relação ao seu modo de ser no mundo, já estavam articulados pelas primeiras experiências no presídio e pela vivência no comércio, e sendo o sentido que move as escolhas do *Dasein*, foi principalmente o sentido de liberdade que direcionou Luis as escolhas que veio a fazer a partir desta última passagem pelo sistema prisional. Para

Heidegger, liberdade é a condição que possibilita todo homem de poder-ser, independentemente de suas condições ônticas, como neste caso que é a experiência de reclusão, a liberdade diz respeito a uma decisão ontológica que nos responsabiliza sempre pelo ser que é o nosso. O sentido que Luis atribui à palavra liberdade é semelhante ao nosso dever ontológico, para ele ser livre é o seu poder ir e vir para estar ao lado de quem ama. E é pautado neste sentido que todas as suas escolhas são redirecionadas. A liberdade é a capacidade de transcender inerente ao homem, o dom de percorrer a construção de si mesmo. Ser livre implica escolha e decisão, sendo que essa escolha é inevitável. É o primeiro caminho rumo à autenticidade (propriedade). O modo de ser autêntico deriva da compreensão de que “eu decido como vou usar meu tempo”, considerando que não tenho garantias sobre a forma como devo gastá-lo, mas a certeza de que um dia ele cessará. (SODELLI, 2006).

Nessa última prisão, o foco de Luis era a sua família, ele se afastou das possibilidades de estar no crime para escolher estar junto de suas esposa e filhas, era uma relação de cuidado que Luis escolhe exercer em relação a sua família.

A família possui um papel importante para quem passa pelo sistema prisional, como Luis traz em sua fala, muitos se aliciam ao crime após passar pela experiência do abandono, nesse sentido, a organização criminosa acaba por acolher tais abandonados, e estes por sua vez “*constituem uma nova família*” (sic). A esposa de Luís, Rosana, o acompanhou na sua última passagem e juntos descobriram uma nova ideia de negócio: A alimentação. Pautados na escassez de alimentos e variedade que são ofertadas na região do presídio, Rosana passa a vender refeições e tal empreendimento contribui para manter a família de Luís pelos 4 anos que cumpriu a sentença. Após solto, tal idéia ainda esteve presente e contribuiu para a criação da barraca que possuem hoje. Como explicitado por Luis, o comércio já era prática em sua vida a muitos anos, ele mesmo via que até dentro do sistema os presos conseguiam fazer negócios entre as celas, então a idéia o motivou a abrir seu próprio espaço de vendas de lanches e almoço que, com muita dedicação e inovação vem mantendo a família desde sua abertura.

A partir dos sentidos articulados pela experiência do presídio, Luis se dá conta de que, com o uso da violência, você não só agride o outro como também

agride a si mesmo impossibilitando a conquista da felicidade. Assim como abordado nessa pesquisa no segundo capítulo, a violência aparece na não aceitação da alteridade do outro, mas quando você a acolhe, esta se colocando em crescimento, abrindo espaço para singularizar-se, também como dito por Luis. É na singularização que se encontra o verdadeiro sentido de ser possibilitando a conquista do que ele chamou de felicidade.

Quando Luis fora questionado o que levava as práticas de violência na favela aonde mora ele responde de prontidão que é a falta de oportunidade. Como também apontado aqui no segundo capítulo que vivemos em um mundo cuja abertura epocal diz respeito à técnica, isso significa que esta é a forma com a qual nos relacionamos com o mundo e o modo de como a sociedade contemporânea se articula. Tudo é pautado nos meios e modos de produção e tudo tem seu valor. Para o sistema que gera a técnica, somos meramente corpos que produzem e quando não podemos produzir somos descartáveis. É também uma violência para a qual temos de lidar ao realizar nossas escolhas. Somos principalmente vistos pelo sistema a partir do que produzimos, porém, em um sistema desigual como o do Brasil, as oportunidades de se valer essa produção não são realizadas equitativamente, ou seja, quanto mais oportunidades você tiver mais as chances de possibilidades se abrirem para conseguir ser, e quanto menos oportunidades mais chances de você ser descartado, ou considerado como ninguém aos olhos da sociedade. Quando Luis exalta que a falta de oportunidade está diretamente ligada à violência na favela em que vive, o crime aparece como alternativa secundária de emprego, pois não existem pré-requisitos nem julgamento para adentrar nesse sistema, e nele, você ganha a possibilidade de ser produtivo levando a uma construção de identidade que fora descartada pela sociedade anteriormente. Mas existe uma outra alternativa para além do crime, como citada por Bastos et al. (2010), as práticas antiviolentas são o caminho para a busca do que mais se aproxima da idéia de paz social. Uma prática citada pelos autores é a luta contra a desigualdade que leva a abertura de possibilidades para muitos, diminuindo os índices de violência.

As oportunidades de emprego ofertadas por muitos aplicativos abrem essa possibilidade, como no relato de Luis, em que muitos jovens na favela em que

vive perderam a vontade de trabalhar para o crime, já que pelo aplicativo, por ser uma oportunidade mais acessível em que não há preconceitos na contratação, eles conseguem conquistar o reconhecimento social. Considerando também que, através da apropriação da cidade, já que os jovens vão para vários bairros antes inabitados por eles, e do contato com pessoas de diferentes classes sociais, novos sentidos se abrem, que por sua vez abrem novas possibilidades de ser. Luis não teve tais oportunidades em sua época, mas a chance do trabalho autônomo possibilitou o ser empreendedor que é hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como primeiro objetivo mostrar como se deu às escolhas de um *Dasein* em específico em sua trajetória desigual e violenta.

A partir disto, foi realizado apontamentos teóricos que pudessem contemplar a descrição da fala do entrevistado e abrisse a possibilidade de articular a fenomenologia com um contexto social contemporâneo. Para isso, em um primeiro momento, foi realizada a descrição dos significados da análise do ser de Martin Heidegger, a fim de propiciar ao leitor um melhor entendimento sobre a base que partiu essa pesquisa.

Posteriormente, foi feito uma tematização do fenômeno da violência em seu sentido ontológico através da leitura do livro *Ontologia da Violência: O enigma da Crueldade* para explicitar a partir de qual descrição faríamos a análise da entrevista. Neste capítulo, procurei mostrar as implicações do modo de ser violento para que, na análise, pudesse ser descrito como este modo de ser se instituiu na vivência do entrevistado.

A partir da entrevista realizada com Luis, foi possível compreender sua história em que, sua *trama de sentidos* relaciona-se intimamente através das vivências de violência, dentro das quais foi possível articular seus significados de estar no crime a partir destas vivências. A experiência de reclusão possibilitou à Luis o encontro do sentido norteador de sua existência: a liberdade, que para ele está relacionada ao sentido de estar junto de quem ama. Em Heidegger vimos que, a partir da experiência da angústia, ocorre a crise que possibilita articulação de novos sentidos, permitindo então levantar a consideração de que o presídio pode ser colocado como um espaço de crise, ou seja, um local de rearticulação de sentidos, tanto a experiência no cárcere como as dificuldades de ressocialização encontrada na saída dele. Como ocorreu com Luis, em que articula os significados até então condutores da sua existência a partir de tal experiência.

Sendo a violência um dispositivo mantenedor de um tipo vital específico, o modo impróprio, podemos dizer que Luis, ao se dar conta de que a violência o impediu de alcançar seu sentido último, ou seja, a liberdade, ele consegue assumir

seu caráter agressivo indo contra a normatização da sua realidade periférica e carcerária, e singularizar-se.

O último objetivo desta pesquisa seria então de tentar realizar uma compreensão do porque o fenômeno da criminalidade se dá com maior frequência em regiões periféricas. Com a construção teórica contida nessa pesquisa foi possível concluir que o nosso horizonte histórico atual é de início marcado por experiências de violência que possibilitam o fenômeno da criminalidade, pois o mundo é organizado através de práticas reificadoras das experiências de ser, que abre espaço para o surgimento da violência. A prática cultural adotada pelo mundo técnico foi a eleição de bodes expiatórios que utilizam como justificativa a paz social para o aniquilamento destes. Mas esta é também uma prática de violência, portanto a tão almejada paz social não é alcançada com esse sistema reificador. O indivíduo periférico faz parte deste grupo de bodes expiatórios que já se encontram lançado em uma rede de significados, devido às determinações históricas desta abertura epocal. Logo as possibilidades de ser criminoso se dão com maior frequência devido à estas determinações.

Por esta ser uma questão metafísica que está relacionada com a forma que o mundo foi estruturado, não há como mudar tal abertura epocal, mas há como criar práticas antiviolentas que possibilitem o encontro com a alteridade. O contrário da violência foi explicitado pelos autores do livro supracitado, como igualdade, e conclui-se que, por violência ser um modo de ser, não há formas de acabar totalmente com ela, mas existe formas de fornecer subsídios para manejá-la e assim diminuí-la, sendo então o trabalho contra a desigualdade o caminho para alcançar a possibilidade de se aproximar do que chamamos de paz social.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BASTOS, A, CABRAL, A, REZENDE, J. M. *Ontologia da Violência*. ed.1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BOFF, L. *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000.

CASANOVA, M. A. *Mundo e historicidade: Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo*. vl.1: Existência e mundanidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

Cf. FROMM, E. *O coração do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p.25-38.

FEIJOO, A. M. L. C. *A existência para além do sujeito*. ed. 1. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. ed. 42. Petrópolis: Vozes, 1975.

GIRARD, R. Anjos e Demônios. In: *Lições de René Girard na UniverCidade*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2001, p. 11.

_____ *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____ *O bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. ed. 10. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

HOLZHEY-KUNZ, A. *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. ed. 1. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

KANT, I. Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo? In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. ed. 70. Lisboa, 1990.

LYOTARD, J. *A fenomenologia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

SPANOUDIS, S. *Todos nós... ninguém: Um enfoque fenomenológico do social*. Tradução e comentários: Dulce Mara Critelli. São Paulo: Moraes, 1981.

SODELLI, M. Aproximando sentidos: formação de professores, educação, drogas e ações redutoras de vulnerabilidade, Tese de Doutorado, Programa de estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado Senhor,

Esta pesquisa é sobre uma análise fenomenológica e esta sendo desenvolvida pela estudante _____ inscrito no CPF nº _____, do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Professor _____ inscrito no CRP-SP nº _____.

Os objetivos do estudo é realizar uma análise da vivência na periferia e as implicações decorrentes desta. A finalidade deste trabalho é contribuir para os estudos fenomenológicos da contemporaneidade visando a compreensão desta comunidade enquanto experiência de mundo.

Solicitamos a sua colaboração para uma entrevista com tempo médio de 2 horas de duração, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa não trará riscos de nenhuma ordem.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura da pesquisadora

Considerando, que fui informado dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Contato com o Pesquisador Responsável: (11) 3739-2922

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o telefone: (11) 3739-2922 ou para o Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Endereço: Rua Ministro de Godoy, 969 – Sala 63-C. Perdizes - São Paulo/SP. CEP: 05015-001. Fone (Fax): (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br - site: <http://www.pucsp.br/cometica>.